CLAUDIA DELL

ANNO VI N. 278
RIO DE JANEIRO, 24 DE JUNHO DE 1931
Preço para todo o Brasil 1$000

JEAN HARLOW
CINEARTE

ANNO VI
NUM. 278
24
JUNHO
1931

Algumas coristas do Theatro Recreio no Cinédia Studio no dia em que figuraram em algumas scenas de "MULHER"

INCIDENTAL encontro com um dos representantes no Rio de uma das maiores productoras *yankees*, justamente aquella cujos films avultam nos programmas selectos em numero e valia permittiu-nos verificar como se annuncia cada vez mais firmemente a politica do film apenas musicado, extinctos os longos dialogos aborrecidos e anti-cinematographicos que iam aos poucos deturpando o film, a convertel-o numa triste parodia do theatro, parodia mecanica e como tal eivada de defeitos.

Aparam-se assim os excessos a que se haviam entregado os productores numa ansia de aperfeiçoamento que só estava servindo para retirar do espectaculo cinematographico o principal factor de seu desenvolvimento e progresso — a sua popularidade. Mudo, o film falava apenas a um sentido, despertando sensações por um processo apenas, o da visão. Desde que o som interveiu como um auxiliar evidenciou-se um melhoramento. Querendo, porém, de mero auxiliar converter-se em elemento principal o som passou a factor de insuccesso. Ahi temos para exemplo o que se vem passando entre nós desde a installação dos primeiros apparelhos destinados a transmissão da vista e do som, a um tempo.

Paiz pobre, crêmos que não existem em todo o paiz ainda cincoenta cinemas dotados de apparelhos *para a reproducção perfeita* do film sonoro.

Já se vê que não nos queremos referir a esses arremedos que por ahi existem e que se converteram nos principaes propagandistas contra o film sonoro, tanto o som por elles transmittido se assemelhava pouco á voz humana...

Dahi a fraqueza da programmação que se tem verificado na maioria dos cinemas á proporção que se intensificava a producção do film sonoro, cada vez em maiores proporções.

A situação vem-se modificando de uns tempos para cá desde que a orientação dos productores soffreu modificação.

Nem 8 nem 80.

Chegou o dominio do meio termo, que é sempre o indicado pelo bom senso, pelo senso commum.

Já agora, em terreno seguro, certos de qual vae ser a politica da producção nos grandes centros, poderão os exhibidores apropriar seus estabelecimentos, dotando-os do apparelhamento necessario para a execução de programmas que respondam ás exigencias do publico.

Sempre affirmámos que impossivel seria á maioria dos estabelecimentos de projecção estabelecidos no interior do paiz, occorrer ás grandes despezas exigidas pelos monopolistas da apparelhagem para o film sonoro.

A exploração em torno dos primeiros que aqui appareceram fez-se por tal forma sentir que o desanimo se apoderou dos que dispunham de menor capital.

A concurrencia de varios typos fez com que as exigencias fossem minguando até á situação actual que vae permittindo ás installações estenderem-se pelo interior do paiz.

Pelas palavras do representante a que acima alludimos vemos que essas possibilidades augmentam.

E' o caso de darmos parabens tanto aos exhibidores quanto ao publico.

MARLENE
DIETRICH

ADOLPHE
MENJOU

GARY
COOPER

MARROCOS

IMPERIO
e SÃO JOSE
no Rio de Janeiro

UMA FORMIDAVEL SUPER-PRODUCÇÃO
DIA 13 DE JULHO

PARAMOUNT
e ROSARIO
em São Paulo

Pela sua belleza, pelos seus olhos sonhadores, pela sua voz dolente, pelo seu corpo, Carmen Violeta é a fascinação transformada em mulher.

Carmen Violeta é bem a mulher- fascinação que o destino trouxe para a Cinédia, e assim o Cinema Brasileiro poude ter a gloria de exhibir, para os nossos olhos, esta mulher que nunca se poderá esquecer.

Na vida sempre se encontra uma creaturinha que deslumbrando os nossos olhos, empolgando o nosso espirito, sempre revive, para ventura nossa, dentro de uma recordação saudosa. Carmen Violeta é alguem que sempre se tem prazer em lembrar. E' alguem que passa em nosso caminho, deixando para sempre gravada a sua recordação inebriante.

Carmen Violeta é a mulher-mulher que sabe abusar com arte do seu direito de ser fascinante. Ella sabe ser adoravel, terna, sabe tornar-se querida, sabe vencer o destino da gente.

Os seus olhos negros estão sempre cheios de nostalgia. Parecem estar sempre immersos em uma recordação querida. No emtanto, estes olhos sempre tão sonhadores, tornam-se tentadores quando reflectem toda uma immensa ternura. São olhos que falam... são olhos que se divertem em envolver outros olhos na chamma da seducção...

Corpo de Carmen, daquella Carmen que enfeitiçou com seus encantos D. José... alma de violeta... eis como a natureza modelou a mulher fascinação...

Sim, como seu nome, seu corpo lembra o encanto e a graça da mulher hespanhola.

E faz-nos sonhar:

Uma mantilha... castanholas... pés pequeninos que bailam em irriquieto sapateado... um corpo de andaluza que freme e se agita nos volteios de uma dansa "salerosa"... olhos negros cujas chammas parecem querer incendiar-nos o coração... uma bocca a sorrir como a flor presa em seus cabellos negros... violões que electrisam o espirito da gente na cadencia das notas que em alegrias ficam vibrando pelo ar... E ao rithmo da musica, entre meneios vampirescos a mulher-fascinação enrola e desenrola o chale que cobre o seu corpo tentador... E as castanholas continuam a estridular seus sons com os violões e as guitarras que acompanham a Carmen no bailado da tentação...

Mas... para que sonhar, para que fecharmos os olhos e vermos tão longe esta mulher-fascinação, si perto de nós temos Carmen Violeta?!

Sim, corpo de Carmen a encobrir a alma de uma violeta que se esconde de tudo e de todos... alma que parece viver a acariciar uma felicidade... uma saudade... um sonho de amor... e guarda em seus olhos toda a grandeza de sua bondade...

CARMEN VIOLETA

(De Easmy, especial para CINEARTE).

A essa mulher-fascinação o destino deu todas as bellezas. Fel-a brasileira, dando a sua pelle morena um pouco do ouro quente do nosso sol. Ensinou-lhe todas as artes de fascinar e prender. Com estrellas rutillantes a sua vida escreveu. Prophetisou-se que por onde ella passasse uma saudade sua sempre existiria e que algum dia as flores da gloria, as flores da admiração, cahiriam sob a sua cabecinha. E desvendando todo seu futuro, desvendando toda belleza de que ella ia ser possuidora, talvez por um capricho diabolico deu-lhe a alma de uma violeta...

Carmen Violeta ainda não exhibiu na tela os seus encantos. Não teve até então, um papel em que pudesse mostrar toda a sua belleza impressionante, nem a linha impeccavel da sua elegancia e o seu dom de artista. Os seus olhos nunca haviam sorrido de perto para a objectiva. Apenas de longe ella foi apreciada.

Mas, surgiu "MULHER".

No dia em que este film fôr exhibido, no dia em que ella viver para nós o seu papel, ao sahirmos do Cinema levaremos a recordação da historia que assistimos, e, ahi então, Carmen Violeta se apossará de nossos corações de nossos sentidos e nos embriagará com o perfume da sua seducção.

Carmen Violeta é differente de todas as artistas brasileiras. Todas são lindas. Nenhuma, porém, possue aquella belleza esquesita da mulher-fascinação, nem aquelle olhar dolente que está sempre reflectindo toda uma immensa ternura.

Neste momento, em que sobre ella escrevo, revejo em uma recordação a sua figura. Lembro-me daquella tarde azul em que a tive a meu lado durante tanto tempo. Não me cansava de contemplal-a. Admirava os seus olhos. A sua elegancia de mulher bonita. A fidalguia dos seus gestos. Ella me falou das suas ambições. Dos seus sonhos de gloria. Do seu desejo de vencer para gloria do Cinema Brasileiro. Do seu desejo ardente de ser querida. Tudo isso ella me disse de mansinho, em surdina. Eram segredos, ambições do seu coraçãosinho de artista que Carmen Violeta me desvendava.

Emquanto ella me falava dos seus queridos sonhos, seus olhos ostentavam uma grande ventura. Não tinham mais aquella dolente nostalgia. Espelhavam a sua tão proxima victoria...

Sim. Carmen Violeta vencerá.

Carmen Violeta transformará em realidade tudo quanto ambiciona conquistar no Cinema Brasileiro.

Carmen Violeta, vencerá pela sua fascinante belleza. Vencerá tambem, porque além de tudo é artista.

Carmen Violeta não interpreta um papel. Ella o vive com alma. Não o representa. Ella transforma, dá vida, torna mais bonito, o papel que deve representar diante da camera. Ella não quer ser, apenas, uma mulher adoravel. Carmen Violeta quer ser, acima de tudo, artista. E artista só conseguem ser aquelles que esquecem a sua personalidade e vivem o papel dado pelo director, como se este papel representasse todo o seu viver. Carmen Violeta é assim. Ella procura moldar o seu "eu" tal e qual o da mulher que representa no film. Estudando com carinho o argumento dá-lhe todos os esplendores do seu coração de artista. E só se sente satisfeita quando o pode emfim viver.

Carmen Violeta é a mulher-fascinação da Cinédia.

Carmen Violeta é o sonho de amor do Cinema Brasileiro.

Carmen Violeta em breve surgirá com todos os seus encantos em "MULHER". Poderemos, então, contemplar os seus olhos que vivem a sonhar. O seu corpo de Carmen. Os seus maravilhosos vestidos. A artista que ella é

"MULHER" revelará Carmen Violeta.

"MULHER" será a consagração da mulher fascinação.

Carmen Violeta, prenderá, para sempre, a platéa carioca nos encantos da sua seducção depois da exhibição de "MULHER", e receberá como homenagem ao seu talento artistico, a sua belleza, na consagração do seu nome as petalas douradas da gloria cinematographica.

Cinema do Brasil

FILMANDO "A AURORA DO AMOR" DA LUX-FILM DE MATTO-GROSSO

CLEO DE VERBERENA, AGORA A ESTRELLA DE "A CANÇÃO DO DESTINO"

EM BAIXO, UMA SCENA DE "O CAMPEÃO"

Calvus Rey a admiravel figura de "As Armas!", e A. Rudner, (irmão da Irene, sim), em "Anchieta entre o amor e a religião"

Bancroft!

Jim Tully, o esmurrador de John Gilbert, o homem que escreveu as cousas mais formidaveis sobre Cariito, quando e depois de ser seu secretario, entrevistou George Bancroft. Aqui o que elle pensa do genial artista de "Paixão e Sangue", "Homem de Marmore" e outros grandes successos.

* * *

Ha, nos seus olhos, o olhar do homem perseguido. E' o olhar daquelle que parece fugir do seu proprio successo... Envenenado pelas palavras da inveja e perseguido pela maledicencia dos ruims, elle é o exemplo vivo do que Hollywood póde fazer contra um homem sincero e decente que tambem é um bom artista. George Bancroft é um homem simples e bom. Não ha, nelle, nada de artificial. Correcto como uma locomotiva que sabe o seu dever, forte tambem como ella o é, elle segue pelas intrigas e pelos despeitos com profundo despreso por tudo quando o rodeia e cerca.

Ninguem mais do que elle ficou surpreso com as ciladas de Hollywood. Um dos homens mais populares do mundo, elle não passa de um individuo solitario e aborrecido.

Tem sido accusado de ingrato. Quasi sempre em contacto com elle, desde o principio da sua carreira, conheço muito sua profissão e seus actos. Muito se diz do que elementos que venceram devem a outros que os fizeram subir. Como regra, entretanto, devem bem pouco... Os philantropos gastam muito mais tempo em duplicar os seus rendimentos do que fazendo bem aos homens de merito... Desde que Bancroft poz sua figura grande, forte e admiravel diante de uma **camera**, foi Bancroft e apenas Bancroft.

Ha annos, Walter Wanger, o diplomata mais formidavel que a Paramount já teve, disse-me, em New York, quando lá nos encontramos:

— Quero que veja George Bancroft. Elle vale milhões de **dollars**. Quero que me dê a sua opinião honesta e sincera a respeito do assumpto.

O film estava sendo exhibido em New York. Bancroft era a unica cousa que elle tinha de bom. Pouco depois elle veiu para Hollywood.

Poucos mezes depois, muitos cavalheiros proclamavam que a elles devia Bancroft o ter entrado para o Cinema.

James Cruze foi o primeiro acreditado como seu **descobridor**. Os que conhecem Hollywood, sorriram. James Cruze puzéra Bancroft no seu film porque a Paramount assim lhe dissera que fizesse. Elle não descobriu ninguem e cousa alguma. O film chamava-se **The Pony Express** (O Correio á Cavallo) e, naquella epocha em que foi feito, um dos peores films que assisti em toda minha vida. Bancroft era a unica cousa que o film tinha de bom. Depois, ainda sob a direcção de Cruze, appareceu no muito popular **Fragata Invicta** (Old Ironsides)... Ainda este film não conseguiu ferir a nascente carreira do homem admiravel que Bancroft é.

A sua grande opportunidade chegou com **Paixão e Sangue** (Underworld), feito por B. P. Schulberg, accedendo a muitas insistencias de Josef Von Sternberg, que, naquella epocha, anciava por uma assim para se fazer, conseguindo-a, todos o sabem. Referindo-nos ao productor e ao director, não tememos dizer que Bancroft **fez** o film famoso...

Financeiramente falando, o maior trabalho de Bancroft, nestes ultimos mezes, foi **O Lobo da Bolsa** (The Wolf of Wall Street). Era terrivel. Mas tinha Bancroft e tinha Baclanova. Na direcção estava um homem de valor, diga-se, se bem que mal comprehendido, Rowland V. Lee.

Depois de ver este film é que alguem poderá comprehender o poder de George Bancroft. Elle traz logo uma comparação com Emil Jannings. Baclanova, um esplendido typo, tambem, figurara numa outra esplendida caracterização ao lado do tragico allemão. Bancroft, physicamente parecido com o allemão, ainda que isto seja considerado crime, na Allemanha, digo que é melhor do Jannings varias vezes e muito mais brilhou ao lado da russa admiravel. Aliás, diga-se, elle, nesse mesmo film, ainda, deu uma das caracterizações mais admiraveis que já viu o Cinema, principalmente considerando-se a infelicidade da sua mal comprehendida carreira. Bancroft encheu-a de vontade de representar bem. Jannings, ao contrario, preoccupou-se em superal-a... Ninguem, no **set**, precisa cuidar de temer Bancroft. Wallace Beery, seu rival em aventuras de Cinema, isto é, como artista, encontrou, nelle, um generoso cooperador, quando juntos figuraram no tal film **epico** dos mares, **Fragata Invicta**...

Bem conduzidos, Bancroft e Baclanova seriam o maior **team** jamais filmado junto. E' curioso averiguar-se porque não foi avante esta idéa...

Sergei Eisenstein, o director russo, admirou o trabalho de Bancroft. O grande artista teria sido um protagonista ideal para um film social e artisticos feito pelo cerebro russo. A tragedia do operario americano ou do camponez americano, ou, mesmo, do contrabandista americano, seria tambem qualquer cousa de formidavel que Bancroft viveria admiravelmente bem. Estes dois homens, se se tivessem encontrado, teriam feito alguma cousa que a propria Hollywood quedaria pasmada, diante dellas... Ao contrario, Eisenstein voltou á sua Patria e Bancroft continua na rotina que lhe marca o seu programma de films...

Muitos dos papeis que foram confiados a Emil Jannings, teriam sido ideaes interpretados por George Bancroft. Jannings, expulso dos films americanos por causa de difficuldades linguisticas, nem sequer precisaria ter vindo. Bancroft o substituiria com todas as vantagens. Do que elle soffre, é de más historias, maus directores e peor supervizão, ainda...

Em **Rua do Peccado** (Street of Sin), Jannings foi posto dentro de um papel de chefe de quadrilha chefe esse que se regenera, mais tarde, com o andamento da historia. A despeito da intelligencia indiscutivel de Jannings, Bancroft teria sido ideal naquelle papel. Elle é muito mais Cinematographico do que o allemão e muito mais agradavel, mesmo. Os seus papeis de bandido, vive-os elle como ninguem o será capaz de fazer. Elle fascina!

Em **O Poderoso**, a risada infecciosa de Bancroft foi empregada durante todo o film. O successo deste film, ou antes, desta gargalhada, foi approveitado pela fabrica que, dahi para diante, nada mais fez do que rir e rir de novo... Quando cessar o recurso do scenarista e do director, tambem e o film ainda precise de uma sequencia, para terminar, é só pôr Bancroft gargalhando e já se terá conseguido o que se quer...

Bancroft, approximando-se dos cicoenta annos de idade, tem a força de um touro e a agilidade de um gato. O seu musculoso e poderoso corpo, é todo feito de nervos e musculos. Elle mesmo não sabe a força que tem. E' capaz de erguer um homem normal, com uma só mão, até á altura da sua cabeça. E' capaz e faz. Eu já o vi fazer.

Para as mulheres, Bancroft tambem tem varios encantos. Elle as conduz para os tempos do amor ás brutas, do amor primitivo. E muitas dellas apreciam este periodo.

Para as mulheres, Bancroft não tem a seducção de um Valentino, é logico, nem, tambem, parte das qualidades crueis de Von Stroheim. Mas elle as seduz pelo poder dos seus musculos e do seu porte.

Dono da melhor voz masculina que até hoje o microphone já registrou, é, tambem e já o provou de sobra, um formidavel mestre nos films silenciosos. Não faz caretas. Não usa de recursos vocaes. E' profundamente natural, profundamente sincero.

Muitos o acham convencido. Outros dizem que elle é grosseiro, mal educado. As mulheres que o entrevistaram foram, todas, muito injustas para com elle. Todos, entretanto, nada mais são do que filhotes de leão brincando em redor do impassivel pae...

Sendo um artista, Bancroft não aprecia a analyse. Vivendo de emoções vulcanicas, elle não, sabe e nem quer saber de onde ellas vêem... Elle é profundamente honesto e profundamente correcto com seu trabalho. E' tão sincero, tão sem etiquetas, que nas rodas sociaes de Hollywood é tido como selvagem...

Quasi todos os artistas de Cinema levam-se muito a serio. São extramente convencidos e egoistas. Quando menciona-se o nome de Bancroft, dizem logo:

(Termina no fim do numero).

capitulo de esnsação? Por que devo eu ser perturbada quando estou trabalhando? "Tinha ou não tinha razão? A verdade sobre ella, creia, é que é extremamente acanhada e um tanto ou quanto anormal. Tem verdadeira aversão a ajuntamentos. E' tão acanhada, repito, que se alguem fixa attenção nella, seja quem fôr, mesmo eu, não sendo discreto, perde ella o controle de si mesma e não consegue levar a sua scena a um bom termo. Os seus modos de ver assumptos technicos de Cinema são excellentes. São tão notaveis, mesmo, que em muita cousa de *Anna Christie* segui os conselhos della, abandonando mesmo os meus. Sinto-me orgulhoso em ter sido o director que mais a tem dirigido. E' uma cousa que muito me honra e não me vexo de o dizer.

Charles Bickford, o eterno "encrenqueiro" dos Studios, collega della em *Anna Christie*, já tem opiniões differentes, a respeito.

Ella não é uma *grande* artista. E' uma artista, apenas. Pessoalmente falando, é a creatura mais simples e mais sem pose que já tenho encontrado em minha vida toda. Nem parece que occupa o logar que occupa e nem que tem o nome que tem, na industria e no mundo todo, atravez a mesma. Quando está trabalhando, ella dá tudo o que tem para o successo da producção e é, além disso, extremamente franca e enormemente sincera, tanto representando como na vida real.

Marie Dressler, falando della, diz:

— Fleugmatica, acima de tudo! Jamais a vi enthusiasmada com o que quer que seja. Isto é. Apenas uma vez a vi relativamente satisfeita e empolgada por uma idéa, foi quando suggeri que lhe dessem, para interpretar, o papel de Christina, a demente rainha da Suécia. Durante dias ella se enthusiasmou, realmente, mas logo depois voltou ao seu primitivo proceder. Nunca trabalhei, deante de uma *camera*, tão vehementemente como quando com ella contrascenei. Ella costuma trabalhar até ao cumulo imaginavel e a sua capacidade de trabalho é contagiosa. Para supportar o seu modo de trabalhar, creia, é preciso ter coragem disposição! O seu talento é excepcional. Ella, fóra do Cinema, é uma creatura esplendida que muito admiro. Tudo quanto acho que ella tem, na tela, tambem acho que tem fóra della.

George Marion, que igualmente figurou em films ao seu lado, diz:

— Ha, na repreesntação de Greta Garbo, qualquer cousa que fascina e arrebata os seus companheiros de trabalho e os anima a enfrentar o trabalho com apetite. E' uma esplendida caracteristica, além de soberba heroina. Comprehende os papeis que vive e vive-os com naturalidade invejavel.

Johnny Mack Brown, seu galã em *Mulher Singular* e figurante em *Mulher de Brio*, tambem, assim se refere á ella.

— Maravilhosa, simplesmente! Eu jamais poderei esquecer os meus trabalhos ao seu lado. Trabalha-se muito quando se trabalha com ella, é certo, mas nunca se trabalha com tanta satisfação e tanto prazer. Ella o mantem sempre em tensão nervosa, custe o que custar. E' formidavel!

São de Conrad Nagel, seu galã, em *Dama Mysteriosa* e *O Beijo*, as seguintes palavras:

— O que quer dizer com "Mulher Mysterioas"? Trabalhamos em dois films e o unico mysterio que nella descobri, sinceramente, foi o titulo do seu film *A Dama Mysteriosa*... Ella é uma pessoa extremamente agradavel. Eu sempre levava anecdotas novas para o Studio e ella, embora não comprehendendo ainda bem o inglez, divertia-se immensamente com as mesmas, cujo humor logo percebia.

Congratulo-me por ser seu collega!

O que dizem della,,,

Talvez não exista, na historia do Cinema, ninguem tão exquisita, tão differente, quanto o é Greta Garbo. Os seus collegas a descrevem como fleugmatica, enthusiastica, desanimada, indifferente, envergonhada, cordial, amiga, esforçada, genial. Para saber porque é que ella é o enigma do Cinema, é só perguntar aos seus collegas de trabalho. Elles melhor a podem definir do que ninguem mais...

Clarence Brown, seu director em tantos films, entre os quaes *Diabo e a Carne, Mulher de Brio, Romance* e, recentemente, *Inspiration*, diz o seguinte:

— Socialmente falando, não a conheço, absolutamente. Quando ella me convidou para trabalhar com ella no estudo e comprehensão de um scenario que iamos fazer, mais tarde, em sua propria casa, foi que descobri que era seu vizinho ha mais de um anno... No *set*, Greta Garbo apenas significa trabalho, para mim. E' admiravel para dirigir. Conhece perfeitamente o seu officio. E' uma grande artista. Sem ser muito forte, physicamente falando, trabalha vehementemente, dando o melhor da sua arte e da sua boa vontade, dás 9 da manhã ás 18. Assim que se liberta do trabalho, sahe e procura, na liberdade de instantes, o lenitivo necessario para suas varias horas de prisão. Não dá festas ao pessoal do Studio, não faz *poses* para as suas photographias a não serem as pedidas pelos photographos e apenas se encontra com os collegas nas horas de trabalho ou nos momentos de negociar. Lembro-me que recebi um pedido do embaixador da Suécia, na America, que me pedia o obsequio de ir ao *set* de Greta Garbo e meu, para assistir alguma cousa do seu tão falado trabalho. Ella recusou-se a apparecer. "Porque encontral-o?" Perguntou-me ella. "Não preciso delle e elle o que poderá precisar de mim?". Disse-lhe, então, que ninguem sabe qual é o dia de amanhã e que o embaixador ainda podia ser necessario a ella. Ella deu de hombros. Era tão logica a sua razão de recusar que preferi não insistir: "Acha justo que alguem queira procurar o contador de um banco, nas suas horas de trabalho, apenas para vel-o trabalhar? Ou visitar um escriptor para o ver escrevinhar um

E' Doc Ploen, electricista de *Mulher Singular*, que relata o incidente que se deu durante a filmagem do mesmo trabalho, proximo a Catalina.

— Tinhamos estado anchorados cerca de 500 pés da praia de Catalina, durante perto de uma semana. O tempo estava extremamente carregado para trabalhar e, assim, a companhia toda, contando historias e anecdotas, reunira-se em torno de um mesmo ponto, matando o tempo conforme possivel. Greta Garbo e Nils Asther sentavam-se aparte e, depois começaram a caminhar ao longo do tombadilho. Conversavam em suéco e deixavam-se ficar longamente contemplando as aguas. Iniciamos um concurso de tiros ao alvo e eu que, além de electrecista sou atirador, diverti-me com a falta de pontaria dos meus collegas.

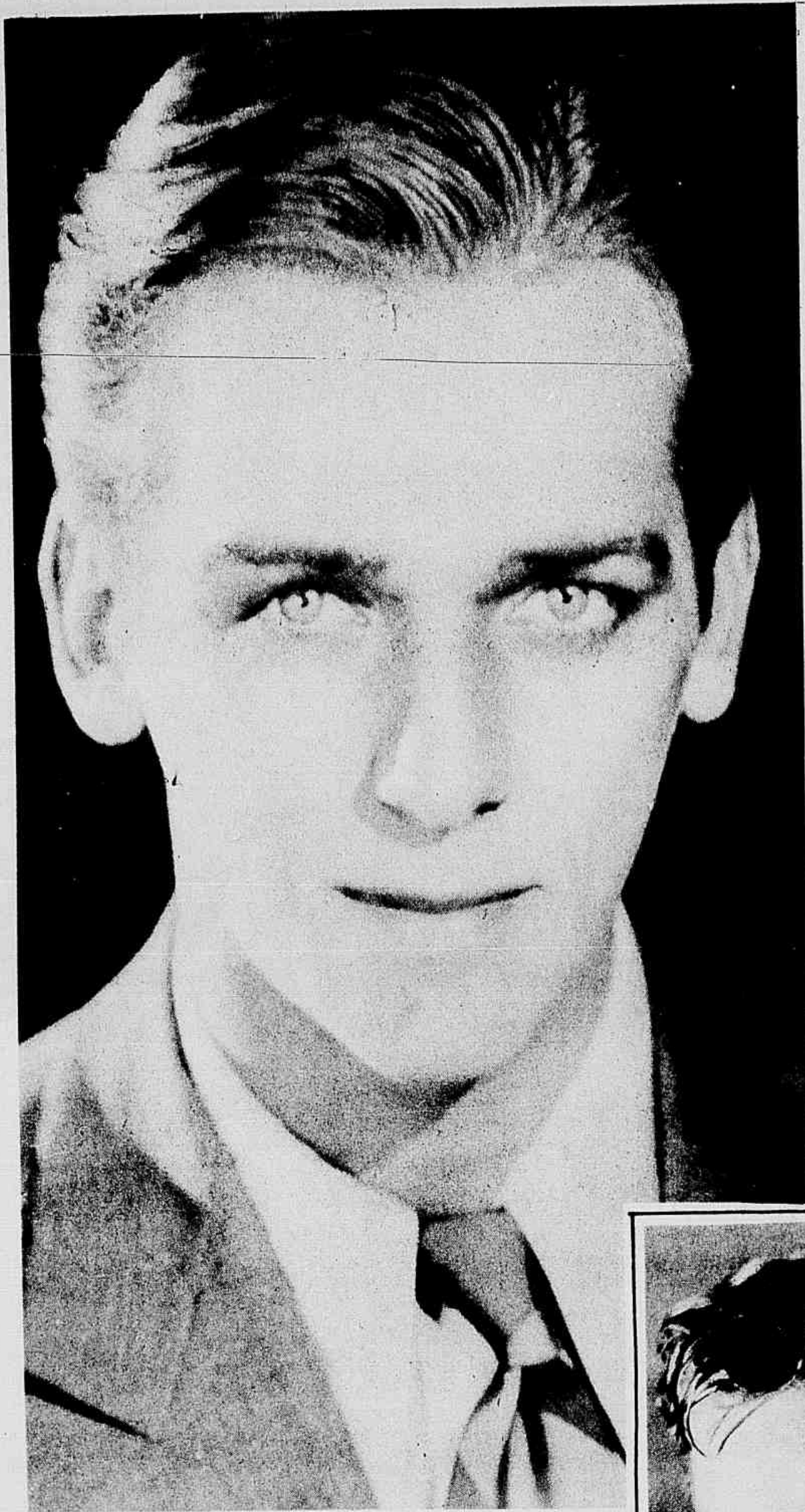
(Termina no proximo numero.)

Rochelle Hudson

PRECI-
SAMOS
VER
ESSES
FILMS
DA
RADIO...

Carta aberta à Douglas Filho

(Photo especial para CINEARTE)

QUANDO DOUGLASZINHO COMEÇOU A SUA CARREIRA.

De Adele Whitely Fletcher, conhecida escriptora americana e jornalista Cinematographica de grande valor, para Douglas Fairbanks Jr.

* * *

Douglas querido.

Você e Joan, meu amiguinho, estão fazendo do amor que gastam, um publico feriado e isto é cousa que não se faz. Ambos são jovens e, um pelo outro, acham-se absolutamente perdidos. Sei disso. E' a cousa mais natural do mundo, aliás, querer você gritar bem alto a sua felicidade e querer insistir em phrases como esta: "Jamais existirá uma pequena como Joan!". Ou, da parte della: "Nunca existiu ninguem melhor do que Doug.". Ou então: "Ninguem jamais se amou como nós nos amamos". Isto é natural, bem sei, mas é inadvertido e improprio. E perigoso, acima de tudo!

Impressionam-me as photographias que de ambos vejo, sempre agarradinhos, impressas em todas as revistas. Impressionam-me, sim, mas deploro-as profundamente. Muita gente posa de mãos dadas. Olhando-as, entretanto, sente-se a vontade irresistivel de usar de cynismo e perguntar quaes serão as proximas que irão segurar, no anno seguinte... Com vocês, entretanto, é differente. Ha qualquer cousa no brilho dos seus olhos, alguma cousa sobre a cabeça de Joan, appoiada ao seu hombro, alguma cousa sobre os dedos que entrelaçam, que mente a verdade do grande amor que ambos vocês se devotam. E' por isso que me parece pena continuar você essa publica exhibição de um carinho que, assim exposto á publicidade e aos olhos profanos, facilmente se tornará uma universal caçoada...

A publicidade, para a carreira de ambos, bem sei, é uma cousa mais do que necessaria. Deviam tel-a, ambos, como individuos de mesma arte, mas, separados e não agarrados, sempre, escandalosamente exhibindo um casamento, como se estivessem convidando o mundo todo para assistir e agourar a felicidade que desfrutam. E' facil de comprehender porque fala Joan com tanta frequencia da sua felicidade. Ella era tão infeliz, tão só, coitadinha... Lembrome, de annos passados, quando a vi uma vez chorando, em desespero, só porque estava lendo a historia simples de Ella Cincers, a borralheira moderna, num jornal qualquer...

Ella me disse, então, que até então nada mais tinha sido que aquillo mesmo. Contoume a morte de seu pae, o unico ente que a comprehendia e a amava, justamente no instante em que mais precisava delle. E, ainda, do trabalho que vinha tendo, insano e daquelle que tivera, até chegar ao Cinema, tomando conta de crianças e ganhando dinheiro como lhe fosse possivel, dentro das maiores difficuldades. As suas aventuras em Chicago, com dois "dollares", apenas, foram cousas que não deixou de me contar, ainda. Mesmo quando já era "estrella", dansando no alegre "Montmartre", tendo, á sua espera, uma duzia de seus fanaticos admiradores, jamais conseguia ella sorrir, com os labios e sorrir com a alma, tambem...

Foi ahi que você appareceu, differente no procedimento e nas attitudes para com ella. Ella era dansarina, no film que fazia e você, para ella, foi logo a revelação de uma felicidade possivel e provavel. Foi dahi para diante que amor, para ella, passou a ser palavra bem mais seria do que até então pensara que fosse.

Ainda que não tendo, na vida, terça parte dos soffrimentos de Joan, você tambem era relativamente só. Sem duvida, mesmo. A sua maior difficuldade, acima de todas as outras, era ser você filho de Douglas Fairbanks. Temia você, bem me lembro disso, que lhe dessem opportunidades não por causa do seu merito, mas, sim, por causa do nome brilhante de seu pae e seu tambem. Sendo você da especie de homens que não aprecia isso, naturalmente a sua reacção seria evidenciada. Durante o tempo em que você escreveu os esplendidos letreiros de "O Gaucho", para seu pae e "Dois Amantes", para Ronald Colman, e, ainda, quando você estava desenhando algumas montagens para "O Pirata Negro", você jamais me pareceu contente da vida ou satisfeito. Você sempre quiz vencer á sua custa. Nobre intuito, aliás e raro, principalmente.

Foi ahi que lhe appareceu, na vida, a figura de Joan Crawford. Foi a primeira vez que você comprehendeu que era acceito como você mesmo, sem intercessão alguma de seu pae... E se uma pequena como Joan escolhia você, para amar e querer bem, pela vida toda, era natural que você esperasse que outros tambem dessem valor ao seu proprio, valor. Vocês se acharam, ao mesmo tempo e, achando-se, passaram a exaggerar o encontro. "Agora a vida é boa!" Exclamaram. "Mas é tão boa, assim, que deva ser arriscado?"... E' o que eu quero perguntar a você nesta carta aberta que lhe escrevo.

Você está fazendo, Douglas o mesmo erro que seu pae e Mary fizeram, ha annos. Não vê você isso? Não comprehende? Agentes de publicidade chegaram a andar em companhia delles durante a lua de mel. Pickfair é um dos lares mais photographados do globo. (Aliás fizeram Pickfair com a primeira syllaba do nome della e a ultima do nome delle. Você, da mesma forma, tirou as duas primeiras letras dos seus primeiros nomes e chamam ao seu lar, "El Jodo"...) Todo mundo soube, em pouco tempo, que Mary só dansava com Douglas. Que Mary jamais tirou do dedo a alliança. (Onde foi que eu li, Doug. que você já andava enjoado do appellido de Joan, "Dodo", só porque todo mundo já sabia, por intermedio da publicidade?...)

Agora, recentemente, você bem deve saber e talvez melhor do que eu, o quanto infelizes se sentiram Douglas e Mary por causa das historias que circularam pelo mundo todo, quando da ultima visita que elle fez a Inglaterra, sózinho, só pelo facto de ter Mary ficado e ter elle ido... Não existiu muito jornal, mesmo, que espalhou "onde está a promessa que Douglas fez á Mary de jamais a deixar sózinha, na vida?..."

Se você continuar a publicar a sua devoção por Joan, tudo, na sua vida, passará a ser uma novidade para jornaes. Não existiam jornalista que até historias já tinham promptas, compradas e até pagas a respeito do divorcio inexistente de Douglas e Mary?

Douglas e Mary curtiram, juntos, a amargura dessas noticias. Mas, intimamente, bem sei, culpam-se a si proprios por isso. Tornando a vida privada uma cousa publica, permittiram essa invasão de jornalistas pelos humbraes de um lar que devia ser absolutamente intimo. Se jamais houvessem feito publicidade de uma vida feliz, até hoje o seriam, da mesmo forma, e ninguem daria por isso. E' possivel que mesmo você, Doug., ignore a verdadeira "verdade" sobre a separação de ambos. O resultado, entretanto, foi ter seu pae um passeio completamente arruinado e, Mary, o desgosto de se ver olhada, em Hollywood, como "divorciada" e infeliz...

Você e Joan já se têm mostrado amorosos e apaixonados. Vão a todos os logares e frequentam todas as festas. Ao passo que você vae envelhecendo, isto é,

(*Termina no proximo numero*)

VAMOS APANHAR MAIS PAPEL...

UMA NOVA ESTRELLA DA PARAMOUNT.

Claire Dodd

VAMOS
VER
OS
FILMS
ALLE-
MÃES...
ELLA E
WITTY
FRITSCH.
Lilian
Harvey
BERLIM
TAMBEM
TEM
DAS
SUAS.

Nesse dia eu levantei profundamente nervoso. Vibravam meus nervos, por qualquer motivo e, mesmo, sem motivo algum. Quando o despertador despejou a bilis do seu barulho sobre minha cabeça, ás 7 da manhã, tive impetos de o arremessar pela janella. Os 40$000 que havia custado, entretanto, despertaram em mim instinctos Max Davidson até então desconhecidos...

Era o dia mais suffocante da minha vida. Ar! Ar! Ar, pelo amor de Deus!!!

E abri todas as portas, todas as janellas. Quando não havia mais o que abrir, abri o collarinho que me parecia 32 e desapertei a gravata, mais pesada do que uma colleira de "bulldog" num pescoço de "lou lou"... Olhei a folhinha. Minhas pernas tremeram...

— Sexta-feira, 13.

Pela espinha, como se fosse as mãos de Brailowsky pelos teclados de um Steinway, passou-me um arrepio gelado... Depois tocou o telephone.

— Sim, sou eu... Ahn?... Hum!... Já desço, sim...

Desliguei. Tremia mais do que Jean Arthur nas mãos de Warner Oland... As portas mais ingenuas parecia-me falsas. O canario da gaiola transformava-se em morcego, aos meus olhos arregalados... Meu cerebro gerava mordaças e vultos embuçados pelos cantos todos dos corredores. Até do homem do elevador desconfiei...

Quando me achei na rua, accompanhado do homem que me telephonara, senti-me mais triste ainda. A minha despedida, daquelle predio de appartamentos, foi mais triste do que a de um russo de prestação do seu freguez que bate azas...

Caminhamos juntos, sem palavra, até ao carro. Subimos. Minutos depois rodavamos em grande velocidade. A impressão que eu tinha era que iamos mais rapidos do que uma assistencia ou o corpo de bombeiros...

\+ + +

Minutos depois, junto ao departamento de publicidade da Paramount, achava-me eu em paciente espera. De uma porta, minutos depois, surgiu um vulto "a la" Lon Poff, esguio e austero, que nos convidou.

— Madame espera-os...

Era a hora fatal...

Minhas pernas pareciam peores do que as Bert Roach, depois de uma conversa com Mr. Whisky... Fui, resoluto, como aquelle que caminha para a fôrca de cabeça erguida... Ora bolas!!! Gritei ao meu intimo. Reaja, amigo, vamos!!!

E caminhei. Mas a cada passo que dava para a frente, outros tantos minha vontade dava para traz...

Diante de uma porta que tinha uma estrella e um nome, paramos. O meu amigo, isto é, o meu cicerone, bateu levemente á porta. Esta abriu-se e uma mulatinha attendeu. Minutos depois voltou com o

— Entrem, por obsequio...

Entramos.

Tudo ali era perfume, pouca luz, incensos, mysticismo... Não havia cadeiras. Eram almofadas grandes e pequenas, poltronas disfarçadas. Afundei numa dellas. Senti-me Jackie Coogan... Tive vontade de chamar Mamãe e sahir correndo pela porta afóra...

Depois ouviu-se um esfregar tenue de sedas e Ella surgiu diante dos nossos olhos...

Somnambulismo...

\+ + +

Arregalei muito os olhos, ergui-me a custo. Tropecei numa almofada, pizei num angorá que estrillou arrepiando os pellos e erguendo o lombo, balancei quasi desastradamente um movel pequenino que estava diante de mim e, finalmente, tremulo, pallido, mão suando gelo, apertei a que me estendia aquella Creatura...

— Marlene, este é o rapaz que lhe falei, da revista CINEARTE, do Brasil.

— Meu amigo, Marlene Dietrich... Creio que a conhece...

Diante della!!!... Céos!!! Diante della!!!...

Eu... Um pobre ser vivente... Que mal fizera eu a Deus para ser castigado assim?... Oh!!!... Mary Carr, Mary Carr, onde estás que não vens accudir aos gemidos medrosos do teu Johnny Walker...

Não houve remedio. Sacudi minha vida, amarrei, dentro da vontade, um pouco dos meus nervos e, esquecendo-me de que havia sido essa entrevista toda a preoccupação daquella manhã infernal, recolhi a mão que a della esquentara, ligeiramente e balbuciei qualquer cousa em forma de introducção diplomatica.

— Desculpe-me... Isto é... Eu... Bem... Quasi pizei o seu gato...

Ella sorria, apenas, aquelle mesmo sorriso que fizera Emil Jannings desistir de ensinar na Escola Superior... Vacilei! Quasi corri atraz do meu cicerone que já sahia e, medrosamente, lhe supplicava que me levasse comsigo... Mas elle sahiu e eu ali fiquei, diante della. Eu e ella... Ella e eu. Marlene Dietrich!... E eu... Seria possivel... Se tivesse um alfinetezinho, pequenininho, cotucar-me-ia para saber se dormia ou estava desperto... O meu instincto Nacional dava-me ganas de lhe dizer, brandamente.

— Marlene, minha nêga, eu estou aqui...

Mas não podia fazer isso. Gentilmente ella me indicou uma almofada. Puxou a gondola da sua meza de "maquillage", sentou-se bem defronte a mim. Eu levei diversos segundos afundando, até chegar ao fim da almofada... Ella trançou as pernas. Quando o fez, desprendeu-se a ponta do "peignoir" e as suas pernas, curiosas e marotas como sempre, vieram espiar a conversa... Engasguei! Senti alguma cousa como se fosse uma martelada Bancroft no meu cerebro Fred Kohler... Não havia reacção possivel... Ella atacava por todos os meios e os seus ataques eram aquelles que só dão o direito á derrota...

Pensei que ella fosse concertar o "peignoir". Não concertou. Deixou. Continuava olhando, firme, como a serpente que fixa o sapo e espera-o calmamente para almoçar sem siquer se mover do logar... Fui...

(*Termina no fim do numero*)

O reinado de Carlito

Aqui está alguma cousa differente em materia de artigo Cinematographico. Só mesmo uma esplendida novellista poderia tel-o em mente e assim dal-o á publicidade. Não só o leitor ficará comprehendendo melhor o espirito admiravel de Carlito, como, ainda, sentirá em si proprio uma nova serie de pensamentos inspirados. Faith Baldwin, a escriptora em questão, foi quem traçou estas linhas que se seguem, depois de procurar falar com Charlie Chaplin. Como elle, o pequenino rei, não tivesse tido tempo sufficiente para voltar ao seu singelo reinado, não se encontraram. O que ella viu e ouviu nessa visita, entretanto, foi sufficiente para que ella conseguisse escrever o que se segue a respeito do maior genio do Cinema. E' o tributo de uma mulher a um grande talento.

* * *

— Mostrem-me...

Disseram philosophos.

— ... os livros e a casa de uma pessoa, as suas companhias e eu lhe direi quem elle é.

Lembrando-me deste sabio conselho, sentei-me. outro dia, no **hall** de um Hotel de New York, á espera de Charlie Chaplin e, á minha maneira, experimentei as argucias de um Sherlock Holmes psychista, e, emquanto esperava, reconstrui, peça por peça, todos os pequeninos recantos do simples e bonito reino onde governa aquelle pequenino genio.

Carlito não entrou no quarto em que o estive esperando, durante toda uma hora, o prazo da minha visita. O aposento, entretanto, todo elle rescendia á sua personalidade. Tivesse elle entrado, tivesse falado com elle, teria sido a sua analyse uma mera questão de deducção facilitada simplesmente pela pratica do meu trabalho de ha annos neste officio. Da sua ausencia, entretanto, cheguei á conclusão que poderia tirar muito mais ferteis deducções. Vou tentar!

Entrem commigo, leitores, para a sala de visitas do appartamento todo que Carlito alugou no Hotel onde estou. Ha mobiliario solido, todo forrado com velludo encarnado. No quarto vizinho, de onde me acho sentada, posso perceber qualquer cousa branca que me chama toda a attenção. Parece ser uma mesa para refeições. Estamos em plena tardinha de um dia gelado, de ruas cobertas de neve. Ali ha conforto, graças ás luzes que se acham accesas e ao aquecedor que é bom. Um radio, a um canto, espera. Bem defronte a mim, ha uma mesa coberta de cartas, telegrammas, papeis e photographias. O telephone que ha neste quarto e os outros que existem nos demais aposentos do seu appartamento, tocam quasi incessantemente.

Não me acho só nos dominios de Carlito. O representante pessoal de Carlito, um ex-jornalista, apparentando ser de New England e tendo certa parecença com o fallecido William J. Locke, corre da secretaria ao telephone e desse para a campainha da porta da entrada, sem cessar, extremamente paciente e absolutamente calmo. Fala em voz baixa, de preferencia, e mostra-se extremamente activo. Tem, detraz dos oculos, uns olhos vivos.

Ao meu lado, uma **reporter,** moça ainda, pertencente a um grande syndicato, tambem espera... Resignada, fuma ella um cigarro e espera com a maior calma possivel. Representando um **magazine** qualquer, mais adiante acha-se um chronista que tambem espera... Entretanto, ás vezes, pelo aposento e percorrendo-o com grande intimidade, uma pequena bonita, num traje cinzento, usando joias de valor e usando um delicado chapéozinho de velludo negro. A sua primeira apparição põe-me intrigada. Será uma secretaria? Ou uma amisade antiga?...

Toca o telephone. E' um amigo, um doutor, que está querendo falar com Carlito. Toca de novo, com pouco minutos de intervallo. E' mais um amigo. Continua tocando o demonio do telephone, sem descançar... Ora **reporters,** ora chronistas, deste ou daquelle jornal ou magazine. Toca de novo. Desta vez é um desconhecido que já havia telephonado na vespera... O que elle quer saber, é simples: por que Carlito não lhe respondera á attenciosa carta da vespera?... O que o secretario explica, entretanto, é que elle está tentando pedir 25 dollars emprestados...

Sobre a sua mesa, cartas. Pedidos varios, pedidos de dinheiro emprestado e dado, pedidos de auxillio material e espiritual, pedidos para entrevistas de todas as especies. Cartas pedindo a Carlito para se interessar, comprar, produzir e se interessar, em summa, por peças de theatro, scenarios differentes, talentos moços e uma outra quantidade formidavel de cousas parecidas. Mais cartas: de elogio, de felicitações, cartas que poderiam revelar, talvez, meia vida do nosso heroe em poucos segundos... Pensando na quantidade de cartas que elle deve receber diariamente, no Studio e em casa, cheguei a empallidecer...

Toca novamente o **telephone.** E' de uma revista, esta vez. Uma revista notavel. Carlito devia comparecer até ás 4½ para a sua photographia. E até agora não tinha ainda chegado... Quando chegaria elle? Era tudo quanto o editor queria saber, cheio de nervos e de zangas.

Passa pelo aposento um empregado oriental. Queria saber se elle era japonez, mas o seu rosto é mais impenetravel do que o do celebre e phantastico Charlie Chan... Usa roupas **sport e** um **tweed** cinzento, bem grosso. Entra um homem do mercado de titulos. Fuma um charuto grande, quasi preto. Entra e sahe, impaciente, sem sequer prestar attenção ao grupo que ali se encontra.

O paciente cavalheiro que age como ponto de apoio entre o genial artista de Cinema e o mundo exterior, com todos os sacrificios inherentes á carreira, tambem apparece, depois, com um papel na mão. E' uma offerta por escripto, da parte de um cavalheiro commerciante qualquer, trazendo milhares de **dollars** de lucros a Carlito, se elle acceitar uma offerta para falar pelo Radio... Menciona-se a somma da offerta. Quando a ouço, seguro-me com força á poltrona, para não desmaiar... Uma centena de homens, ainda que levando uma centena de annos, não poderiam juntar dinheiro assim no espaço de uma vida toda de profundo trabalho... Offereciam isso a Carlito, entretanto, para uma pequenina allocução diante de um microphone, sem sequer apparecer aos olhos do publico, mais mysterioso do que nunca...

Toca novamente o telephone. Desta vez é o oriental que attende. Suas palavras são rapidas e seccas. Desliga o apparelho. Dá de hombros, sem rir e nem se exaltar. Diz apenas "ainda não veiu..." Naquelle rosto impassivel, **naquelle momento,** julgo ver um breve sorriso de **piedade...** A pequena do syndicato atira fóra o **cigarro.** O joven do magazine ergue-se e afasta-se da cadeira onde está. E' electrica a tensão nervosa dos que ali estão esperando. Esperam apenas que se erga uma cortina e que a figurinha esperada surja, de improviso, tão desejada...

A pequena bonita torna a entrar na sala. O meu conhecido, ali, apresenta-ma. Ella sorri, e depois senta-se numa cadeira baixa que está ao meu lado. Seu rosto é oval e sua pelle é pallida. O chapéo dá um bonito realce ao seu rosto.

Havia dez annos, num vapor de linha, ella brincara com Carlito. Era uma simples criança, lembra-se disso. Agora, tanto tempo passado, fôra áquelle hotel para renovar a antiga amisade. Quando elle deixara o Hotel, havia pouco, em companhia de Ralph Barton, para se dirigir ao Dutch Treat Club, achava-se no **lobby.** Elle a vira, ainda. Ella o havia perdido, igualmente e, naquelle momento, approximava-se o instante de regressar a Long Island, mesmo sem o ver. Quasi sonhadora, ella diz: "eu dei-lhe, uma vez, uma caixa de prata estampada..."

— E elle ainda a tem comsigo!

Entra na conversa o nosso amigo secretario. Ha um pequeno silencio. A pequena toda cinzento, cujo nome é Gladys, fala novamente. "Elle deu-me uma corrente de ouro. Eu perdi-a, infelizmente... Nem imagina o quanto senti a falta disso..." Ella viera até ao Hotel para o ver e para lhe trazer a sua ultima photographia. Não o queria ver mais naquelle dia. Dali a pouco instantes embarcaria para a Europa, numa longa viagem de repouso.

O secretario fala e diz admirar-se do que irá ser esta segunda chegada a Londres. Havia dez annos que o "patrão" lá não ia... Diz elle: "Tem tido um trabalhão com seus papeis, nestes ultimos dias. Só assignaturas, já andou pondo por ahi umas quarenta..." E accrescenta, depois de pequenina pausa: "E só chegou aqui, hoje, ás cinco da manhã..." Depois, dando o nome do presidente de um importante Banco da cidade, disse "Foi elle que me entregou o patrão, hoje, nessa hora da manhã..."

O secretario chama-o, quasi sempre, por "elle" ou "o". A's vezes diz "nós", tambem... Mas "Chaplin", nunca diz.

Entra um outro homem no aposento. Vem, não se sabe donde. Tem, não sei porque, um ar de pertencer, tambem, ao sequito Charlie Chaplin... E' baixo, moreno e sirridente. Diz quasi sem folego, afobado pela carreira que dera: "Alcançaremos quarenta mil esta semana, novamente? exclama, referindo-se ao successo sem precedentes de Carlito, com **Luzes da Cidade,** no Central Theatre. O ex-jornalista replica, solemne: "Mais, amigo. Quasi sessenta, diga!". O baixo, moreno, sorri e accrescenta: "Assim o espero. Se não passassemos dos quarenta é que me sentiria infeliz.."

A pequena do syndicato e o rapaz do magazine, deixaram o aposento. Desistiram...

Eu fico. Não tenho pressa. Estou tomando muitas lições daquelles ambientes... Falo á linda pequena que diz ter sido collega de Carlito. Ella diz que tambem está no Cinema e trabalhando no Astoria Studios da Paramount, em Long Island, figurando no film **Stolen Heaven,** de Nancy Carroll. Diz que o film está quasi prompto e fala em muitas outras cousas.

Depois, com um olhar reluctante para os flocos de neve que, pela janella, vejo cahindo, preparo-me para me ir, tambem. O meu hospitaleiro amigo levame até á porta. A pequena bonita dos Studios da Paramount tem, na mão, um papel e um labis. Está deixando um breve recado, antes de se ir embora, tambem. Tenho, não sei porque, a impressão de que ella ainda voltará no dia seguinte e no immediato, tambem... Havia dez annos, num navio, uma criança brincou com Carlito e ella deu-lhe uma caixa de prata estampada. Admiro-me. Se ella não tivesse brincado com Chaplin num transatlantico, estaria ella sentada numa cadeira do escriptorio de elencos, da Paramount, á espera de opportunidades? Pensa ella, por acaso, na possibilidade de ser heroina do Rei?... Serão esses os seus sonhos? Se ella não tivesse dado essa caixa de prata, não estaria ella casada, com alguns filhos, reclamando o Ford novo ou o

(Termina no fim do numero).

ROBERTA GALE

(Photos Robert Coburn)

ROCHELLE HUDSON

ROBERTA GALE ROCHELLE HUDSON E LITA CHEVRET, OS NOVOS ENCANTOS DAS PRAIAS DA CALIFORNIA.

A deusa

O surdo ronco dos bombos africanos ainda estará nos ouvidos daquelles que viram Edwina Booth como "deusa branca" em "Trader Horn". Tremores de dança de S. Guido atravéz selvas africanas. Terror!!! Edwina Booth viveu muitas dessas scenas. Hoje, em Hollywood, nós, mais do que ella, nos admiramos de que ella viva, realmente...

Atraz do seu triumpho todo, ha uma historia. E' a historia da batalha que uma só mulher sustentou contra o successo. Muito della, feriu-se sob o ardente sol africano. Outra parte, aqui mesmo, sob o ás vezes não menos ardente sol de Hollywood...

Os triumphos pessoaes de uma mulher, na maioria dos casos, são mais pessoaes do que materiaes. Um homem constróe pontes. A mulher destróe... Elle constróe um arranha-céos. Ella consegue apenas caracter. A mulher vence, na vida, tres das maiores batalhas da sua vida. Se as vence, é perfeita. A batalha da castidade, a da fidelidade e a da integridade. A maior dellas, sem duvida, é a da integridade.

Tenho visto mulheres voltarem da Africa com as almas em farrapos. Já as tenho visto, tambem, voltar ao continente branco, com as almas mais manchadas e negras do que os proprios sertões de onde sahiram. Se voltam assim, entretanto, é porque perderam a luta. Edwina, ao contrario, veiu inteira, de corpo e alma. E' preciso rememorar isto, antes de mais nada.

A sua historia, bem contada, é a de mais uma cinderella. Era uma pequena commum, sem nada de superior a qualquer outra, a não ser a sua curiosa e invulgar belleza. Um dia, convidaram-na para fazer parte do elenco de "Trader Horn". A opportunidade era das primeiras, mas o fim da viagem era a Africa... Arriscaria a sua saude admiravel, a sua belleza esplendida, ao encontro dos varios males dos tropicos?

Quando ella assignou o contracto, foi ahi que começou propriamente a viver. W. S. Van Dyke, o director, moveu-se immediatamente com a companhia toda para a colonia Kenya. Edwina, com elles, começou a percorrer as ruas de Mombassa, em busca de curiosidades de bazar. Depois chegou o periodo de atravessar desertos, de ver leões, girafas e zebras, bichos e mais bichos, de todas as especies e tamanhos. Em todos os logares, entretanto, encontrava-se com homens, tambem. Homens brancos, exactamente parecidos com aquelles da colonia Kenya...

E' só tomar uma vista do local. E' uma possessão ingleza. Para lá foram muitos homens e algumas mulheres, apenas. Gente de accento visivelmente inglez, mas gente de passado talvez um pouco denegrido... De accordo com a definição mundial, entretanto, todos elles perfeitos cavalheiros... Os tropicos, entretanto, operam, nas pessoas, extranhas mudanças. Mesmo nos **gentlemen**... A colonia Kenya é o centro de civilisação mais distante do mundo civilisado, pode-se dizer. A civilisação que lhe pertence, portanto, é um tanto ou quanto gasta, para não dizer completamente apodrecida...

Anciosa, faminta, mesmo, de novas impressões e aventuras, Edwina atirou-se á cata das mesmas. Atirou-se á exotica atmosphera, com enthusiasmo. Para aquelles homens que ali estavam, entretanto, a sua belleza era qualquer cousa muito branca e muito loura que andava pondo loucuras em todos os sangues havia longos annos ali soffridos... Um delles, o governador de um pedaço de terra maior do que toda a Inglaterra, mesmo, offereceu-lhe um lauto jantar, tentou embriagal-a e disse-lhe que a queria fazer a mulher dominante de todo seu harem... Ella riu-se delle e nem por isso lhe deu a minima attenção...

Tudo, para ella, até áquelle momento, era divertido e interessante. Aquella proposta vil, entretanto, fel-a mais mulher e menos criança. Comprehendeu o que estava fazendo e manteve-se mais na defensiva do que nunca.

Edwina viera para a Africa para trabalhar. Trabalhou, sabem todos, sob condições que exgottaram fibra por fibra todas as suas mais fortes energias. Vocês, amigos chronistas que escreveram a tal historia sobre os 50 mil dollars de indemnisação que de Edwina pediu a senhora de Duncan Renaldo, saibam o que se segue para poderem avaliar sobre a verdade disso. O que garanto, entretanto, é que nenhum de vocêe quereria passar o que ella passou naquellas selvas...

O sol que jorra sobre aquella parte da Africa, sabe-se, é de tal especie que, sem chapéo, qualquer homem enlouquece, com seu calor penetrante, em menos de tres minutos. Certas scenas de "Trader Horn", forçaram esta pequena a trabalhar durante horas continuas, sem descanço e sem sequer se refrescar um pouco. A's vezes chegou a desmaiar, para voltar a si de novo e continuar nos trabalhos...

Insectos, ali pullulavam aos milhões. Tambem havia cobras elephantes e, não poucas vezes, cousas peores ainda. Antes de mais nada, entretanto, convem citar que Edwina nasceu numa cidade e nem sequer em interior foi criada. Os animaes peores que ali a cercavam, entretanto, eram os homens...

A companhia toda que fôra para Africa, fazer o film, só tinha uma mulher além della e Olive Golden, esposa de Harry Carey, artista do film, era a **script girl** que auxiliava Van Dyke. Os acampamentos eram terriveis e immensas as angustias que ali passavam.

Em torno della, além disso tudo, reuniram-se os olhares de muitos desses homens ali presentes, sequiosos de saudades da terra distante e, além disso, fascinados pelas poucas roupas que ella vestia para representar. O calor a enfraquecia e noites abafadas, sem fim, atormentavam-na mais do que tudo.

Foi ella mesma que encontrou a chave para o problema de levar a sua propria vida, sem dar confiança a quem quer que fosse. Qualquer

mulher que vae até Kenya, afrouxa no meio do caminho ou entrega-se á devassidão, quando lá chega. O sensualismo não sabe resistir ás selvas. Edwina, apesar de tudo e da agua má e dos alimentos ruins que tomava, em falta de melhores, resistia a tudo e a todos...

— Eu serei eu mesma, para sempre, custe o que custar!!!

A quem se voltaria ella para pedir encorajamento?... A principio não houve um só que lhe merecesse essa confiança.

A sua roupa, para filmagem, foi alguma cousa que provocou escandalo ali. As mulheres dos missionarios fizeram uma petição ao governador, pedindo que ella mandasse encomprîdar aquelle vestido e, outras, acharam que era escandalo, profanação e indecencia. As nativas, ao contrario, nada mais natural do que aquillo achavam.

Resistiu ella a tudo e a todos, repetimos. Foi heroica. Em sua defesa, principalmente, applicou um profundo senso de humorismo que nunca lhe faltou em nada...

Eu a vi, na Africa, pela primeira vez, em Nairobi, cidade habitada pelos Martin Johnson, conhecidos espedicionarios e ponto de partida principal para todas as demais expedições. Deu-se esse encontro no Hotel New Stanley, numa hora ainda bastante matinal. Eu ia para o banheiro, ainda no meu roupão, quando vi, diante de mim, uma figura gentilissima de mulher, de

pernas nuas e corpo delicioso, que tinha, no olhar, qualquer cousa de raramente fascinante. Antes do almoço eu já sabia que ella era lindissima...

branca...

-- Quem é?

Perguntei a um amigo.

— A deusa...

Respondeu-me elle, num sorriso enigmatico.

A companhia de "Trader Horn" esteve varias vezes em Nairobi, durante locações outras. Perguntei algumas vezes, depois que nos conhecemos melhor, o que pensava ella daquillo tudo e dos homens daquellas regiões. Ella poucas respostas me deu, neste sentido. Sempre procurou desviar a conversa para outros assumptos.

Muitas vezes, segundo ella propria confessa, teve impetos de procurar Van Dyke e dizer-lhe: "Não posso continuar. E' demais!". Mas ainda havia um resto da chamma intensa que acalentava a sua illusão de um bom futuro e, por ella, não se deixava dominar e proseguia na ardua caminhada. Foi ahi que ella encontrou um perfeito amigo em Duncan Renaldo.

Se espera, amigo, que lhe conte eu qualquer cousa a respeito de ritos pagãos que, porventura, hajam praticado estes dois entes nos sertões africanos, enganase. Aqui não ha a invenção cruel de um telegraphista de United Press. Ha, apenas, um jornalista que observa uma mulher interessante.

Muito tem Edwina Booth a agradecer a Duncan Renaldo pelo valor da sua propria integridade. Qualquer pessoa acaba apreciando e estimando Duncan Renaldo. Elle é culto, sympathico e distincto como poucos tenho conhecido assim. Os rapazes da companhia de "Trader Horin", entretanto, não o apreciavam. Elles eram technicos e o rapaz era um artista, com rara cultura continental, contraste ainda mais evidenciado pelo sertão bruto que tinham ao lado. Além disso, a sua pronuncia do inglez era defeituosa. Estas pequeninas cousas é que mudam as rotas das vidas, ás vezes... Elle, como vêem, era outro pobre solitario naquelle meio. Durou esta immensa solidão, immensa, repetimos, até ao dia em que a "deusa branca" se esqueceu de que elle, para ella, era simplesmente o "Pequeno Perú" e, tambem se sentindo profundamente só, fel-o seu dilecto companheiro.

A necessidade que ella sentia de uma bôa camaradagem era evidente. Mezes de soffrimento continuo, solidão, perseguição de olhares, indirectas e satanismos em fórmas eroticas, não a deixavam em paz. Cada vez augmentava mais o numero já enorme das suas violentas emoções de todos os dias. Ella precisava, ali, de uma mãe, de uma amiga, de uma confidente.

Duncan, para ella, foi a dadiva de rica amisade que tanto carecia e, para sua vida, uma enorme experiencia. Elle lhe deu conhecimento maior da vida e encorajamento, sem, por isso, pedir mais do que o privilegio de ser prestimoso. A principio, entre ambos, nada mais ouve do que timidas conversas que, mais tarde, se tornaram mais opulentas ao passo que suas almas orphãs se encontravam e se comprehendiam. A fé de um, no outro, augmentou tanto, tanto, que se fez inquebrantavel.

Logo depois disso, Van Dyke apanhou-os e levou-os para Taganyika para terminar o film. Era trabalho, audacia, coragem e mais sacrificios enfrentando leões e outras feras perigosas.

Mais tarde, o mundo disse que ella tinha dado um papel que era uma consagração e um nativo, simples e rude, foi quem carregou, nos hombros, as latas de negativo filmado que Van Dyke conduzia para os Estados Unidos como prova do seu gosto pelo bom Cinema.

Disseram os jornaes, quando elles chegaram a Hollywood, novamente, que Duncan Renaldo havia trahido a esposa e que esta queria, de Edwina Booth, uma indemnisação. Têm elles sido vistos juntos, em muitos logares e, quando leio de lá qualquer cousa, mostra-me, ella, que Edwina ainda não deixou a profunda amisade de Duncan Renaldo.

Sinceramente desejo que se unam e sejam felizes. Merecem-se e, até se unirem, garanto que saberão manter integro o sentimento de caracter que é o maior caracteristico de ambos.

O "Jimmy Wade" de Madame Satan

(Conclusão do numero passado)

— E para se divertir, gosta de Cinema?

— Immensamente! Sou **fan!** Quando disse que não gostava, mais atraz, foi de **representar.** Mas eu gosto do Cinema **SILENCIOSO.** Acho, sinceramente, que ainda está por ser feito o film falado que se equipare a um dos verdadeiramente bons films silenciosos de antigamente. E' erro, mesmo, pensar que os films falados poderão attingir essa meta. Annos e annos os films silenciosos lutaram pela perfeição. O Cinema falado é muito criança, ainda. Acho que Greta Garbo é uma artista extraordinaria e uma das mais formidaveis que já tenho visto. O seu senso de tempo e pantomima é sobrenatural, mesmo. Ella tem mais rythmo do que ninguem, diante de uma **camera.** Bessie Love é uma artistasinha que tambem aprecio. Maurice Chevalier, no falado, é uma delicia para se assistir, quer como artista, quer como personalidade.

— Antes destes films que tem feito, já figurou em Cinema, nos tempos silenciosos?

— Sim. Representei o papel de **Dr. Watson,** no film **Sherlock Holmes,** de John Barrymore, mas não ha motivo e nem justificativa, para recordar isto. Quem se lembrará do Dr. Watson, a personagem mais nebulosa do elenco?...

Terminara a nossa missão junto a elle. Para o publico, antes de terminar, vale a pena citar as peças de theatro, nas quaes elle fez um immenso seccesso: "Beggar on Horseback", "Rollo's Wild Oat", "The Devil's Disciple", "The Last of Mrs. Cheyney", "The Queen's Husband", e muitas outras mais antigas. No Cinema, **Madame Satan,** "The New Moon", "The Prodigal" e mais alguns. Durante a guerra elle serviu com o exercito americano e considera-se americano, mesmo considerando os innumeros annos de vida que aqui já tem.

* * *

TRAPPED — (BIG FOUR) — Ultimo film que Tom Santchi fez, antes de morrer. Apparecem Priscilla Dean (imaginem!), Nic Stuart que é o galã e mais alguns outros co nhecidos. Fraco.

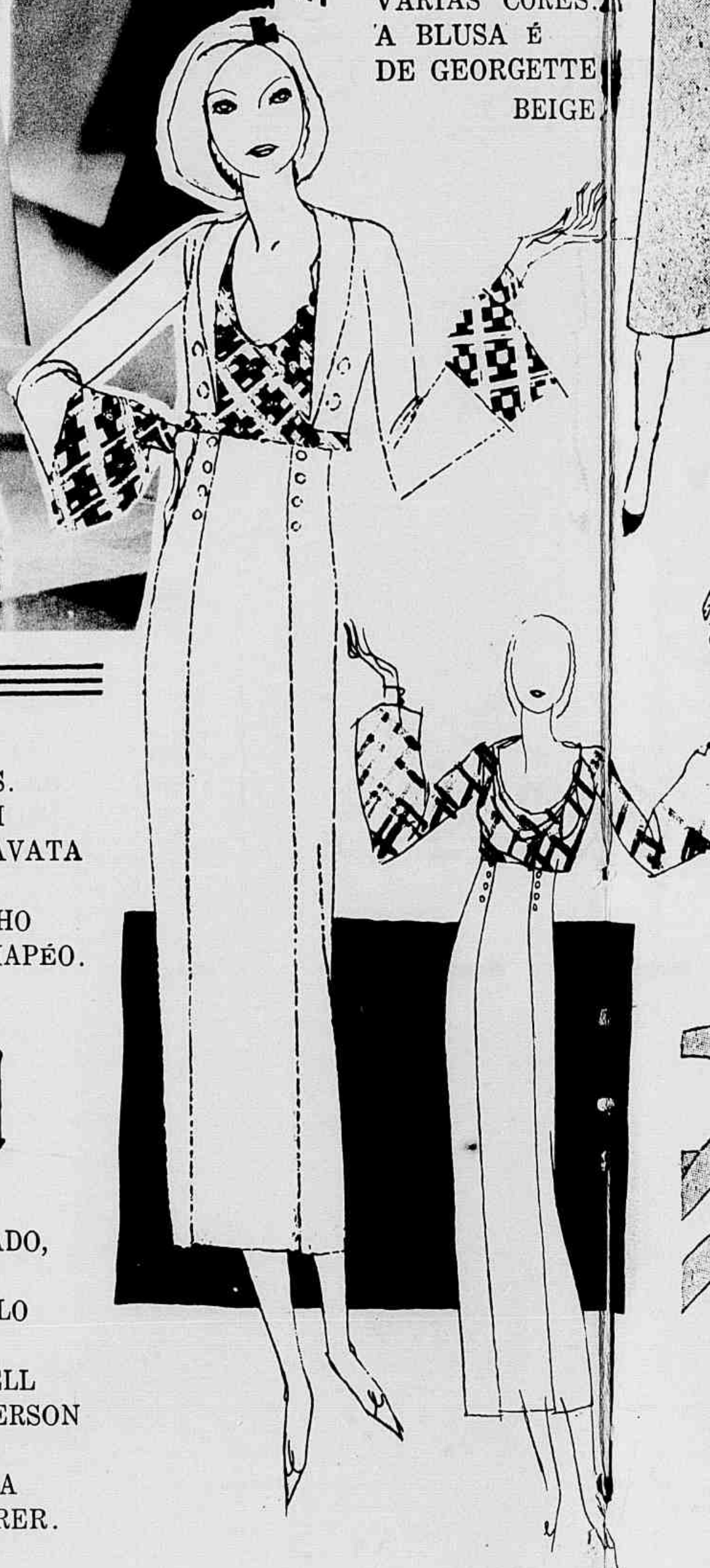
DESENHADO PARA KAY JOHNSON. A SAIA É DE LÃ VERMELHA E O CASACO DE VARIAS CORES. A BLUSA É DE GEORGETTE BEIGE.

RITA LA ROY. E' DE VELLUDO.

SALLY EILERS. NOTEM A GRAVATA E O LACINHO NO CHAPÉO.

CLAUDIA DELL USA UM CASACO COM MOTIVOS DOS INDIOS CHIMAYO DO MEXICO.

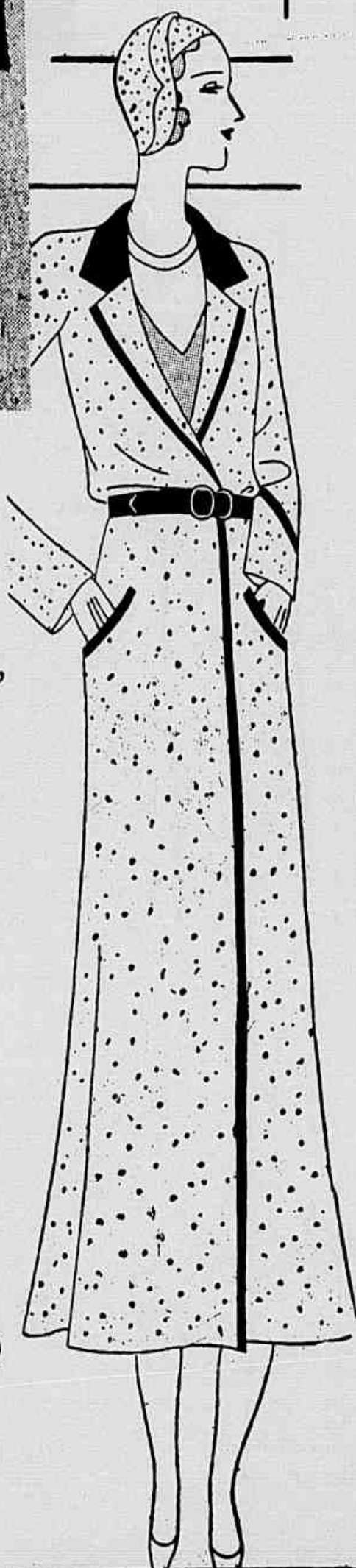
AO LADO, UM MODELO DE RUSSELL PATTERSON PARA NORMA SHEARER.

...O

...DE LÃ

...O DE
...ORES.
...É
...ETTE
...EIGE.

ESTE
TAMBEM
É UM
MODELO
PARA
KAY
JOHNSON.

A DIREITA,
O
NOVO
CASACO
DE
ANITA
PAGE

AO LADO
ESQUERDO,
UM
NOVO
MODELO
DESENHADO
PARA
SALLY
EILERS.
É DE
LÃ
AZUL
ESCURO.

ESTE PYJAME DE
LILYAN TASHMAN
É DE JERSEY.
NOTE O
CASAQUINHO.

NO PROXIMO
NUMERO, MAIS
CINEARTE
MODELOS...

As "viuvas" de

JEAN HARLOW

Não ha muito tempo, Hollywood assistiu á um casamento que trouxe, para assistil-o, mais gente do que a *première* de *Luzes da Cidade*, de Carlito. Entre os espectadores, conversava eu com um amigo e contava-lhe as ultimas que elle, afastado da cidade ha algum tempo, não sabia.

— Quem está sahindo naquella *limousine?*

— Ina Claire!

— Não é ella casada com John Gilbert? Por que não está elle ao seu lado?

— Separaram-se, recentemente, não sabias? Acho que elle...

— Oh! Aquella não é Constance Bennett? Quem é aquelle homem que está em sua companhia?

— E' o "Hank"!

— O "Hank"?..

— Isto é, o Marquez de la Jalaise, de la Coudray...

— Mas elle não era marido de Gloria Swanson?...

— Era, querida, mas... isto foi em Janeiro, lembra-se?

Mas aquella eu tenho certeza de que é Betty Compson, não é? E' casada com James Cruze, o director. Mas não é elle que está ao lado della, é?...

— Errou, mais uma vez... E' Hugh Trevor...

— Quer dizer que...

— Exactamente! Que James não é mais seu marido...

— Valha-nos Deus!

Exclamuo meu companheiro.

— Porque não podem permanecer casados em Hollywood?... Ainda se elles andassem tristes e cabisbaixos, vá lá, mas andam mais alegres e satisfeitos do que nunca... Que gente!

Depois que o ultimo sapato foi atirado e o ultimo grão de arroz tambem,, voltamos para a cidade. Haviamos assistido a mais um casamento de Hollywood...

Agora, penso na respostta que deveria ter dado á pergunta de meu amigo, sobre o "porque" de não ficarem casados os maridos e esposas de Hollywood. Mudam tanto os papeis, os contractos, os directores e as *estrellas* que nada é mais facil do que mudarem as mulheres e os maridos tambem... O divorcio não é uma vergonha e nem envergonha nenhuma decente *estrella* de Cinema. Sentem-se tão alegres como antes e ainda fazem para mostrar que sentiram o golpe desferido contra a felicidade. *O Mayfair*, o *Cocoanut Grove*, o *Blossom Room*, o *Embassy*, o *Brown Derby*, são logares que fazem esquecer... O *whoopee* ahi é rasgado e ninguem mais cuida de outra cousa que não se divertir...

Temos Jean Harlow, a conhecida loirinha, para argumentar. Não ha muito era ella esposa de Charles T. Mc Grew, um joven da sociedade de Chicago. Desfez-se socegadamente o mesmo e ella, hoje, está no Cinema, plenamente satisfeita da vida e sem aborrecimento algum, ao menos exterior.

A familia Bennett, então, soffre da volupia do divorcio. Papae Richard, que devia ser o exemplo, é quasi o peor de todos... Constance e Joan vão pelo mesmo caminho. Constance deixou fleugmaticamente a Phil Plant e Joan a John Marion Fox. Esta ultimo ficou de posse de uma filhinha de tres annos, já feitos.

Dizem, agora, que Constance se vae casar com o Marquez, ex-marido de Gloria Swanson. Mas para durar quanto tempo o enlace?... Sobre divorcios, para que se faça uma ligeira analyse, basta contar o que aconteceu ha pouco com uma conversa que tiveram os dois amigos Wallace Beery e Herbert Sonborn e, tambem, uma anecdota commum e corrente em Hollywood.

Wallace e Sonborn encontraram-se. Chamaram-se cunhados. Trataram-se intimamente. Logo depois, sózinho Wallace, aproximou-se delle o mano Noah e perguntou:

— Que negocio de cunhado é esse?... Que brincadeira é essa?

Wallace deu aquella sua risadinha numero um e respondeu, já deixando o logar e fugindo de algum tijolo ou objecto qualquer que lhe arremessasse o irmão...

— E' que eu fui o marido numero um e elle o numero dois, de Gloria Swanson...

A anecdota é esta. Encontraram-se o primeiro e o setimo marido de Pauline Frederick, a mulher de mais casamentos de toda Hollywood. Sabedores disso, pilheriaram.

— O senhor, creio, é meu parente, não é?...

Constance e Joan...

— Não me lembro, francamente...

Atalhou o outro.

— Só se for muito longe !...

E foram tomar um *cocktail* á saude da piada...

Dizem, agora, que Joan Bennett vae se casar com o productor John Considine Jr., da Fox. Mas, ao mesmo tempo, diz-se que elle estava para se casar com Carmen Pantages, uma pequena desconhecida do Cinema. Em que dará tudo isso?...

Não creio que Betty Compson esqueça-se facilmente da felicidade e do amor que devotava ao marido James Cruze. A vida de ambos é que não andou de passos combinados e, assim, viram-se na contigencia de um divorcio, a unica viavel solução para o problema. Billie Dove é outro destes casos. Viveu muito feliz em companhia de Irvin Willat. Um bello dia deixou-o e, agora, já se fala que o seu casamento com Howard Hughes é cousa assentada. Comprehenda-se !

Marylin Miller, todos o sabem poz Jack Pickford "na mão", usando da gyria. Citam-se varios maridos para ella. Mas será isso verdade?...

Gloria Swanson é muito conservadora. Ultimamente tem sido muito vista em companhia de Gene Markey. Dizem os trocadilhistas que é para num nome embora vago recordar que já foi esposa de um *Marquis*...

Helen Twelvetrees, dizem todos, deixou o marido só por causa das 12 arvores que elle lhe deixou como contrapeso, quando com ella se casou...

Ona Munson divorciou-se de Eddie Buzzell.

Leatrice Joy, ha muito ex-esposa de John Gilbert, já está falando na possibilidade de um novo casamento.

Dorothy Mackaill esteve muito pouco tempo

HOLLYWOOD

como esposa de Lothar Mendes, o director.

Colleen Moore, uma das esposas mais felizes de Hollywood, divorciou-se de John Mc Cormick, allegando que elle era, na intimidade, muito bruto... Este, sem perder tempo, já se casou com Mae Clarke... De Colleen, tambem, dizem que um tal Al Scott a conduzirá ao altar...

Claudia Dell e Virginia Cherrill, tão pequenas que affirmam que já se esqueceram completamente de que foram casadas... Os maridos, para ambas, segundo affirmam, são méras recordações de máu passado...

O casamento de Loretta Young é uma affirmativa de que foi loucura o seu casamento accidentado com Gran Withers. Nem siquer um anno durou...

Hedda Hopper é outra do grupo das divorciadas. Já tem alguns maridos por conta...

BETTY COMPSON

Bebe Daniels e Ben Lyon ainda não se divorciaram. Nem Douglas Jr. e Joan Crawford. Mas o *team* das "viuvas" acaba sendo enriquecido com os seus nomes...

E' questão de *half time*...

Cinema da Noruega

(Conclusão do numero anterior)

No caminho, depois de uma tremenda luta contra os gelos já formados e contra a natureza, ainda têm que sustentar o maior de todos, aquelle contra os lobos que, ferozes, os atacam sem piedade. Resistem ambos e matam muitos dos que ali estão no ataque. Yompa, naquelle momento, pede a Andrés que se vá e o deixe, pois está ferido e não poderá continuar por muito tempo. Andrés recusa. Yompa, em ultimo recurso, procurando convencel-o, inutilmente, relata tudo que sabe a respeito de Laila e, principalmente, que ella é sua prima. Louco, mais do que nunca, Andrés atira-se em direcção á casa de Aslag.

——oOo——

A Igreja de Karasjok está transbordando. Deante do altar, Laila e Mallet esperam pelo padre e pelas suas ultimas palavras de benção áquelle casamento.

Deante de todos estupefactos, principalmente deante do sacerdote, Andrés relata tudo quanto sabe a respeito de Laila e provoca grande desordem no recinto. Yompa chega, todo sujo, rasgado e cheio de sangue. Aslag, vendo-o, accusa-o de trahição e, com isto, confirma as palavras de Andrés. A resposta de Yompa, entretanto, é firme e uma só:

— Eu quero apenas a felicidade de Laila, senhor!

E convencido Aslag do seu proprio erro, casam-se Andrés e Laila, com grande e intima satisfacção de todos, principalmente delles e de Yompa, sempre fiel.

⁂ Howard Estabrook assignou novo e longo contracto com a R.K.O.

GLORIA SWANSON

Sob os

Albert e Louis, amigos intimos, passam, no bairro Montmartre, em Paris, uma vida extremamente curiosa e simples. Tudo, para elles, reside na immensa comaradagem que os une e, debaixo da protecção da mesma, passando vão os dias da vida feliz e desperoccupada.

Numa tarde mais ou menos igual á todas as outras, Albert e Louis acham-se, quando menos o esperam, diante de um problema bem mais grave do que os anteriores que já haviam abordado. E' que, para solicitar protecção e amparo, Pola, uma quasi menina, quasi moça, linda e fascinante, apparece-lhes diante dos olhos, humilde e simples, a espera do sorriso de carinho e do gesto protector que alliviem seus pesares.

Não conhecendo outros meios, Albert e Louis pensam logo em decidir aquelle caso pelos dados. Isto é: ver, pela sorte, a qual caberá o prazer de defender aquella creaturinha contra os males de Paris...

Emquanto disputam, Fred, um desses homens brutos e fortes que se apoderam pelos musculos daquillo que o cerebro não lhes póde dar, cruza-se-lhes pelo caminho e Pola é forçada a acompanhal-o, para que, dum conflicto, não nascesse a final desgraça para a sua vida e para a mocidade de Albert, o rapaz que desde logo chamara sua attenção.

Albert, entretanto, não desanima. Urde o seu plano, e, em dias, consegue Pola para a sua companhia, novamente, fazendo-a usa amante. Era o juramente de amor que cruzavam, pela primeira vez e, já, uma ardente paixão que a ambos devorava.

Em pleno idyllio, Albert é preso. Tinha em seu poder uma valise que o seu conhecido Bilboquet lhe entregára e sem saber o que ella continha, innocentemente envolvia-se naquelle roubo de prataria como cumplice. Preso, afastado dos beijos e dos braços deliciosos e apaixonados de Pola, Albert parte para a prisão.

A ausencia de Albert e o afastamento de Fred, dão á volubilidade amorosa de Pola um terceiro amante, Louis, o astuto amigo de Albert que apenas esperava um momento assim para se apoderar daquella creatura tão seductora.

Sahindo da prisão, Albert, ferido de fórma peor do que se o fosse por qualquer arma, constata a infidelidade de Pola e "boa" amisade do seu amigo Louis...

Procura um logar onde possa esquerer, vae ter á que aquella traição lhe traziam e, sem qeurer, vae ter á uma festa onde estão Pola, Louis e Fred. Dos braços daquelle para os deste, Albert vê a sua querida pequena. Esquecendo-se do que se passára e apenas aguardando um momento para investir sobre os adversarios, acertando contas com elles, Albert atira-se a Pola e, tomando-a nos braços, arrasta-a para uma "valsa-java" impetuosa e arrebatada. A dansa provoca o duelo. O "rito leal" dos apaches tem regras. E, numa pequenina rua escura, apenas elles, os lutadores, ouvidos apenas pelo ruido ensurdecedor dos trens que passam, atiram-se ambos á luta de morte. A chegada da policia não permitte que Albert consiga derrubar para sempre o seu odiado rival Fred. E esta chegada, tambem, faz com

que Fred cáia nas mãos das praças que rodeiam a rua, escapando apenas Albert e Louis que, mais ageis, livram-se de mais aquella entaladella com a presteza dos apaches sabidos.

De volta ao "lar", isto é, ao pequeno quarto que já abrigára a sua paixão por Pola, Albert e Louis lá a encontram, afflicta para conhecer o final daquelle torneio.

Albert não quer ceder a primazia naquelle amor. Louis, por sua vez, ama-a profundamente. Ella tanto se agada de um, como de outro, se bem que Albert tenha a maior parte da sua sympathia. A decisão, portanto, só dos dados poderá vir. E, assim, pelos dados vão decidir a questão.

Albert vence Louis, lealmente e, pondo-o para fóra dali, tem Pola em seus braços e, com ella, planeja levar uma vida livre de Louises e Freds que de novo appareçam para lhe arrebatar a creatura dos seus amores.

—o—

tectos de PARIS

(SOUS LES TOITS DE PARIS) — Film da Tobis — Producção de 1930.

Albert Perjean	Albert
Pola Illery	Pola
Edmund Greville	Louis
Gaston Modot	Fred
Bill Bockett	Bill
Paul Ollivier	Um freguez

Director: *René Clair*

Mulher n. 1...,

(Continuação do numero passado)

Aprecia leituras, conforme sua disposição de espirito. Os livros de Alberto Insua, são os que mais a interessam. Outrosim, todo o romance colorido, com vida, e emoção. Pela musica Olga tem grande admiração. Gosta de todas ellas em geral, mas as que sua alma mais sente, são as nossas musicas regionaes, tão cheias de languidez e encanto, em sua opinião.

E' digno de notar-se em Olga Breno, a elegancia e a graça unica de seu corpo de esculptura, e o "chic" das "toilettes", que usa, que lhe vão admiravelmente, aliás.

— "Adoro seguir a moda. Nem imaginam como sou louca pelas creações da "Rue de la Paix", e pelos modelos de Jean Patou!" disse-nos ella.

Sente pelas joias, verdadeiras é logico, uma fascinação espontanea. Adora os perfumes finos e embriagantes:

— "Rêve d'or", é o meu predilecto, porque é suave e captivante. A flor que mais me encanta, é a camelia. Tão branca, tão divinamente formosa, até parece uma noiva em vesperas de nupcias...

Olga ahi parou abstracta. Perguntamos-lhe porque usa sempre "toilettes" escuras, se aprecia tanto assim o alvor da camelia. E ella despertando de sua vaga 'rêverie", olhando-nos fixamente:

— "O preto é porém, a cor que mais gosto. E' tambem a cor mais sincera, que não mente, nem engana... E' por isto tambem, a cor que mais admiro, para os olhos de uma pessoa".

Um caracter honrado, é a qualidade que Olga, mais aprecia em suas amisades. Acha ainda, que a belleza physica, sem belleza moral, é completamente nulla. Gosta muito de cartas de "fans":

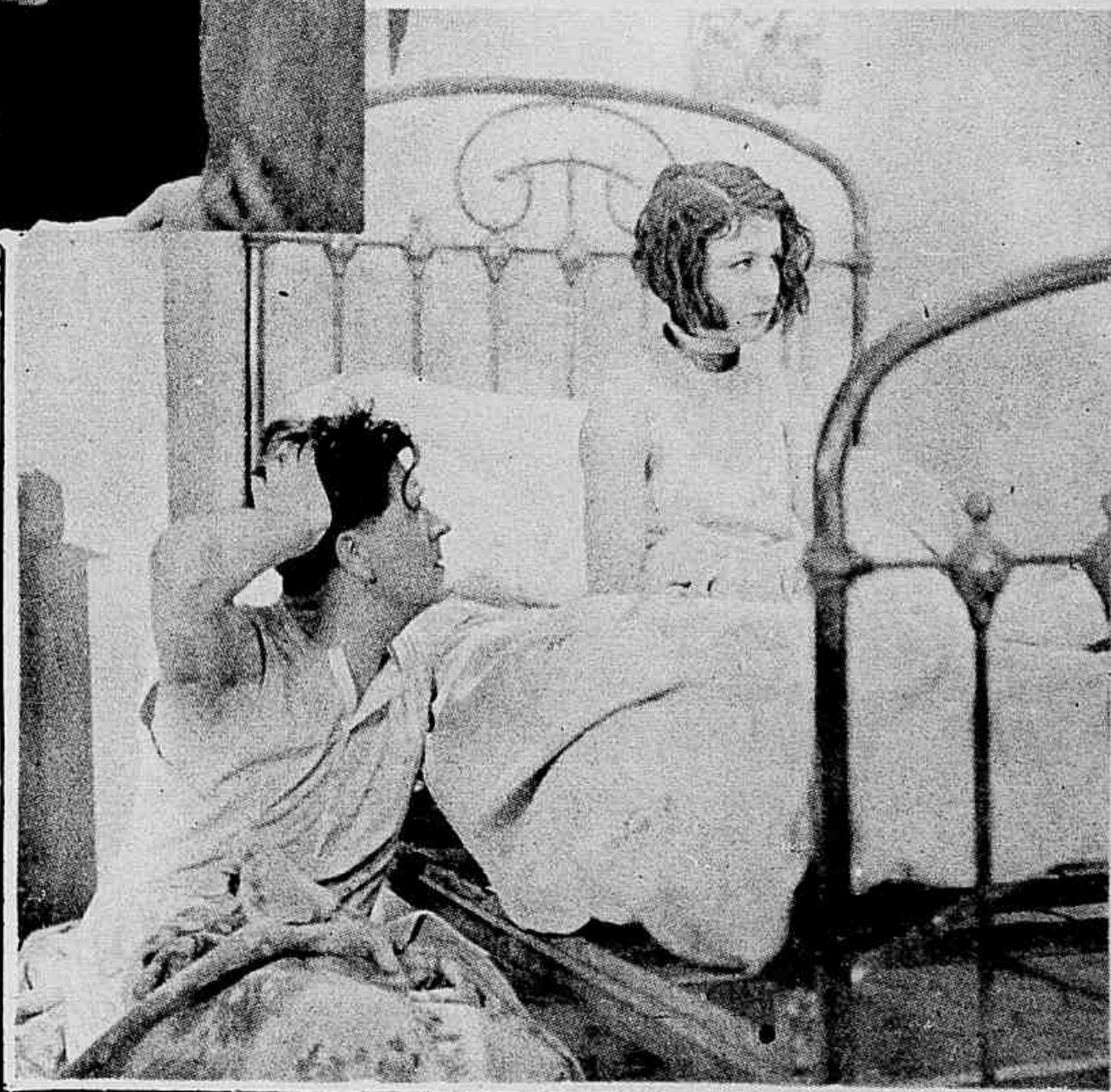
— "Nem é bom falar nellas... Trazem tanta cousa boa, tanto dizer bonito, que ás vezes chegamos á acreditar nellas!" foram suas palavras, neste assumpto.

Ir ao Cinema e apreciar bons films, é para Olga o divertimento ideal. Se bem que aprecie bastante os bailes.

— "Diversão que nunca dispenso, é ler CINEARTE. Não posso crer que exista uma unica pessoa, admiradora de Cinema, que não leia, nem queira bem á rainha das revistas brasileiras. Quem é *fan*, não pode deixar de gostar de CINEARTE. E eu sou *fan*..." disse-nos Olga.

Seu maior desejo é este: emprehender uma grande viagem, atravez todo o territorio nacional, afim de conhecer seus multiplos encantos. Viajar pelo proprio Brasil, seus diversos Estados, é a viagem que Olga mais anseia fazer.

Acha os preconceitos o obstaculo que a sociedade creou, em relação á arte, e o obstaculo de quasi todas as cousas, tambem... Acha-os ainda aborrecidos, tolos, e sem razão alguma de existirem.

O que mais a aborrece é ter que faltar com a palavra, mesmo nas questões mais insignificantes. Falando sobre Cinema, expressou-se assim: — "Cinema é para mim uma arte mais attrahente do que o theatro. Cinema é uma arte unica, perfeita e estupenda. Cinema em vez de contar, com palavras, como faz o theatro, descreve tudo por imagens, e numa linguagem bellissima, melodiosa."

Olga não gosta d Cinema falado. Prefere o silencioso. Os seus artistas predilectos no Cinema americano, são John Gilbert, e Greta Garbo, por seus flims tão apaixonados e reaes. *Carne e diabo*, a producção que mais a impressionou e seduziu. Ernest Lubitsch é no Cinema americano o director que considera mais genial.

No Cinema brasileiro, aprecia todos os novos artistas que vêm brilhando agora. Dos films que viu,

(Termina no fim do numero).

Superstições...

Ramon Novarro não acredita nessas cousas, mas não abandona um certo annel.

Passar em baixo de escadas, quebrar espelhos, deixar gatos pretos passarem pela frente, por chapéo em cima de cama, são azares nos quaes crêm muitos bons cidadãos deste mundo. Se assim, é por que não existiriam artistas que tambem desses ridiculos tivessem medo?...

Aqui estão alguns delles e a especie de azar que temem.

Helen Twelvetrees, a primeira que escolhemos para citar, tem um pavoroso medo de ouvir um passaro batendo em qualquer janella ou porta com o bico. Diz que isso é desgraça na certa.

— Faz-me pensar em guerra, fome e peste. Desde criança que não posso fugir a essa mania. Já me aconteceu isso por duas vezes, e, logo em seguida, veiu-me a desgraça. Uma vez perdi um esplendido papel numa peça de theatro e, da outra, divorciei-me do marido que afinal, amava.

Todo film que Neil Hamilton começa, encontra este artista com todo material de *maquillagem* novo. E' uma das profundas superstições deste artista e delle elle não se pode livrar. Logo que termina a ultima scena, arruma tudo para o lixo, sem mais delongas.

Quando era menina, Betty Compson tinha o costume de venerar a memoria de Napoleão. Lia suas biographias e sabia, de cór, todos os grandes movimentos bellicos do mundial heroe. O que mais a impressionou, foi saber da unica superstição de Napoleão: jamais calçar, em primeiro o seu sapato esquerdo. Depois disso, para mais ainda reforçar o que achou de notavel nisso, encontrou outros nomes notaveis da França com a mesma mania. Dahi para deante adquiriu-a e della até hoje não se livrou e nem mais se livrará.

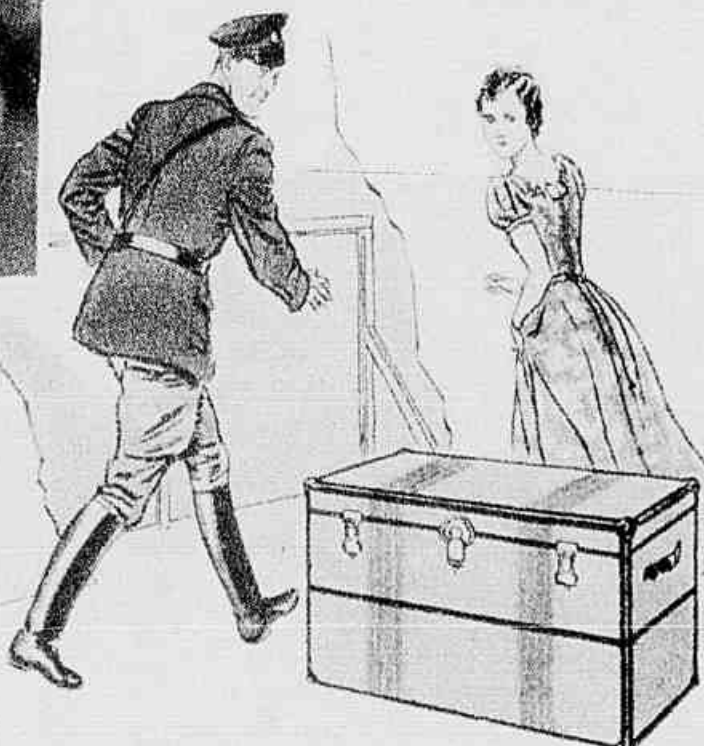
William Haines, caso interessante, é exactamente o contrario. Elle jamais calça o pé direito em primeiro. Calça-o por ultimo, sempre.

Mary Astor confessa que tem duas pequenas superstições:

— A primeira, é sentir-me profundamente feliz quando faço uma scena, mesmo uma scena de amor, com uma pessoa que ninguem conheça. A outra, que me faz aborrecida e pesarosa, é quando a primeira scena que filmo sáe boa. Destes azares não me posso livrar, nem que me queira...

Bessie Love tem medo das sextas-feiras. Ella jamais começou e nem começará um film em semelhante dia e crê, firmemente, que é uma cousa que lhe trará profundos azares.

Victor Mc Laglen diz que ninguem o fará entrar num quarto onde esteja uma mala armario prompta para sahir. Acha que isso é portador de muito azar e, assim, foge delle. Para boa sorte, traz comsigo um relogio de platina que lhe deu o Theatro Roxy, quando da exhibição nelle, do film, "Mundo ás Avessas" e que muita sorte, dahi para deante, lhe tem trazido.

Lois Moran não permitte que se abram guarda-chuvas dentro de casa. A sua superstição, nesse particular é enorme. Não o faz e não permitte que o façam, tambem.

Victor Mac Laglen não entra nun quarto onde esteja uma mala armario prompta para sahir.

A superstição de Sue Carol é infantil e é ella a primeira a achar isso, embora não se comsiga livrar della. O antidoto para o mal, tambem, é outro tanto infantil, mas a ambos ella acceita sem relutancia alguma... Sue não passa por debaixo de pontes. Quando o faz, inadvertidamente, precisa passar mais sete vezes, só para tirar o "peso"...

John Mack Brown é apaixonado pelo numero 17. E' o numero que elle usou na camisa com a qual jogou no campeonato mais animado da sua vida e o qual venceu brilhantemente. Depois disso não mais deixou em paz o numero 17...

Marian Nixon acha que dá azar commentar o papel de um film sem o ter começado. E' a sua unica superstição.

Norma Shearer tem a superstição de não tirar a sua alliança. Não a tira, desde que se fez esposa de Irving Thalberg. Diz ella que se tirar terá má sorte, com certeza.

Mary Pickford, neste particular, é muito parecida com Norma Shearer. Aliás Norma o é com Mary, pois Mary ha muitos mais annos que faz o mesmo.

Ramon Novarro diz que não tem superstição alguma, mas não deixa por nada um dos anneis que comsigo sempre traz. Uma saphira que foi a primeira a ganhar antes de vir para Hollywood, antes mesmo de deixar o Mexico.

Os amigos de Lew Ayres sabem, perfeitamente, que elle jamais acceita o saleiro das mãos de outra pessoa, seja ella quem fôr. Diz elle que isso dá muito azar.

Joan Crawford, até hoje, jamais abandonou uma chinellinha de boneca que sempre traz comsigo e que, diz ella, é sua mascotte adorada, da qual não se separa nem por um decreto...

James Hall é dos mais supersticiosos artistas de Hollywood. Gatos pretos, mulheres vesgas, chapéos em cima de camas e assobiar em quartos de vestir, são cousas que elle não faz e nem permitte aos outros fazer, em sua presença.

Winnie Lightner não tem superstição. A unica cousa que não faz, porque dá "azar", é accender tres cigarros com um só phosphoro...

Leila Hyams tem a sua superstição toda posta no seu *pom pom* de pó de arroz. Pertenceu á sua sempre lembrada e querida mãe e, delle, não se aparta ella por nada deste mundo.

Anita Page tem a sua superstição toda dada a gatos pretos. Quando algum se atravessa em seu caminho, já sabe ella que é approximação certa de azar...

Fifi Dorsay é exactamente o opposto. Tem uma mascotte contra azar, que é um gatinho preto que se chama "Minou". Ella o acha de muito boa sorte para ella. A sua mania é atirar sal por cima dos hombros.

El Brendel disse-me, um dia, que não tinha superstição nenhuma e não acreditava em azar algum. Uma vez iamos passando debaixo de uma escada e elle desviou-se. Deu-me a desculpa que elle temia que ella cahisse sobre a sua cabeça...

Azar, para Jeanette Loff, é quebrar espelho. Treme de medo quando isso se dá e fica á espera do primeiro azar que lhe acontecerá, na certa...

Frances Dee tem a mania de concluir tudo que começa e não deixa nada pela metade. Diz que dá muito azar.

(Termina no fim do numero).

Betty Compson não calça primeiro o sapato do pé esquerdo.

Lew Ayres, não acceita sal offerecido. Elle mesmo gosta de servir-se.

William Haines é o contrario de Betty Compson.

DE HOLLYWOOD PARA "CINEARTE"

MARY NOLAN

CELIA MONTALVAN

NO'S SOMOS MESMO QUERIDOS ...

MARION NIXON

ANN HARDING

LOUISE FAZENDA

E MUITO OBRIGADO PELOS "WISHES", PESSOAL!

EDDIE GUILLAN

FRANKLYN PAUGBORN

O publico não quer IMITAÇÕES...

SALLY STARR QUIZ SER CLARA BOW...

Quando Marlene Dietrich appareceu ao publico americano em "Morocco", publico e critica commentaram-na como sendo uma *segunda Greta Garbo*. Jamais, mesmo, vi tanta gente, a um só tempo, concordando em achar que ella era uma "segunda" Greta Garbo, ainda que melhor, na opinião de alguns e peor, na de outros. A Paramount, naturalmente, não se queixou disso e, ao contrario, explorou o caso a sua maneira. A M G M, entretanto, fez politica contraria e iniciou-se a luta, de todos os lados.

Ultimamente, entretanto, a Paramount ordenou, a todos os seus departamentos de publicidade, que suspendessem a ordem primitiva e que jamais misturassem os nomes de Dietrich e Garbo. Alguns viram nisto o prenuncio de uma guerra de publicidade entre as duas poderosas empresas. Ha, confessemos, alguma parecencia physica entre Marlene Dietrich e Greta Garbo, realmente, mas cada qual, tambem devemos confessar, tem a sua personalidade propria. A Paramount sabe-se agora, suspendeu o caso da semelhança, nos seus departamentos de publicidade, porque verificou que isto estava ferindo de perto a popularidade de Marlene e que isto, além de tudo, lhe seria prejudicial. Eis a razão simples. E, na verdade, accertou: o publico não aprecia as imitações. Acha-as incompletas e não as supporta. Bem por isso é que a Paramount resolveu que Marlene Dietrich fosse Marlene Dietrich, mesmo, sem siquer se lembrarem mais da existencia de Greta Garbo.

Entre os artistas celebres mais immitados, Carlito figura em plano de destaque. Harold Lloyd, mesmo, imitou a mimica de Carlito e com ella ganhou o nome brilhante que hoje tem. Não immitou a personalidade. Imitou a mimica. Affirmam outros, por sua vez, que conhecem de sobra a industria, que Carlito copiou o seu typo de Billie Ritchie e isto é uma cousa que talvez o "genio" não consiga desmentir...

Douglas Fairbanks foi o primeiro que estabeleceu o typo athletico, bruto, cheio de musculos e ousadia. George Walsh foi um seu imitador e Richard Talmadge outro. Este ultimo, entretanto, um pessimo artista, não conseguiu nem siquer imitar George Walsh, outro mau artista, quanto mais Fairbanks...

Depois da morte de Valentino, a campanha para eleição do seu successor foi uma dessas cousas formidaveis em materia de Cinema. Appareceram typos latinos de todos os lados. Ricardo Cortez e Charles De Roche, mesmo, perderam muito de si proprios com essa mania de *substituto*. Mas Valentino continuou, mesmo depois de morto, a ser unico e sempre o será, com toda certeza... O mesmo caso deu-se com Wallace Reid.

Monte Blue e Rod La Rocque sempre foram tidos como as figuras masculinas mais parecidas do Cinema. As suas carreiras, no Cinema, são aventuras que têm quédas e glorias, de todos os tamanhos. Subiram á um tempo só e quando um era considerado, o outro tambem. Quando Monte Blue subia, Rod La Rocque descia um pouco. E viceversa. Actualmente estão ambos numa tremenda decadencia... Charles Gerrard, parece incrivel, mas é verdade, foi um dos typos maliciosos e perigosos do Cinema. Adolphe Menjou é que lhe roubou o sceptro. Era tão mau artista, o Charles, que nunca mais figurou como villão. *Extra*, mesmo, tem sido bem pouco... E' um dos raros casos em que o imitador bateu o imitado.

Disseram, alguns conhecedores dos meios de Cinema, que George Bancroft recusou-se a trabalhar com Fred Kohler. Elles subiram juntos a um ponto bom e, dahi para diante, Bancroft tomou a dianteira e galgou postos que Kohler jamais teve. Diziam, entretanto, que Bancroft tinha ciumes de Kohler. Este ultimo, entretanto, vingou-se roubando-lhe vergonhosamente as gargalhadas e imitando-o sem o menor escrupulo... O publico vetou-o, entretanto: Bancroft subiu e elle ficou...

Alice White começou mal: imitando Clara Bow. Foi o seu erro. Talvez por isso mesmo ainda hoje esteja numa situação embaraçosa, para a sua carreira.

Sally Starr foi outra que tentou imitar Clara Bow, e tombou, redondamente.

Paul Muni, que, na Fox, fez *O Amigo de Napoleão* e foi annunciado como rival de Lon Chaney, fez só este film. A publicidade preveniu o espirito do publico e, quando elle appareceu, o publico continuou verificando que Lon Chaney não tem substituto. Mesmo agora, depois de morto.

Walter Hiers, que a Paramount quiz approveitar para substituir Chico Boia, depois que este foi afastado do Cinema, é uma prova evidente de que o publico não supporta *segundos*. Fracassou tremendamente.

Lilyan Tashman, seguindo a *escola* de Theda Bara, modernizando-a sem a imitar, tornou-se celebre. Kay Francis, neste mesmo *ramo*, tem se sobresahido bastante e tambem porque não tem imitado.

Billie Dove fracassou quando os seus productores a taxaram de "a belleza Americana". Lembraram-se immediatamente de Katherine Mac Donald, a primeira "belleza americana" e logo perderam o enthusiasmo por Billie Dove... Foi esse o erro.

Em *Os Quatros Diabos*, figuram Janet Gaynor, Nancy Drexel, Barry Norton e Charles Morton. Nancy Drexel nunca mais fez nada em Cinema, só porque a annunciaram como "futura rival de Janet Gaynor". E Charles Morton, igualmente, só porque o deram como "segundo Charles Farrell"... Maureen O'Sullivan, ultimamente, pelo mesmo motivo, quando a collocaram ao lado de Charles Ferrell, em *The Princess and the Plumber,* chegou a vêr seriamente abalado o seu credito artistico.

UNA MERKEL, A NOVA LILIAN GISH

Ian Keith, em Cinema, nunca tem sido mais do que figurante e nem sempre importante, porque a sua mania de imitar John Barrymore e de se parecer com elle, principalmente de perfil, conhece-a o o publico e não a tolera. Frederic March, ultimamente, tem soffrido pelo mesmo motivo de comparação com John Barrymore.

Una Merkel tem fracassado porque a têm dado como *segunda* Lillian Gish. Felizmente a Pathé em boa hora lembrou-se de tirar o mesmo rotulo da sua Helen Twelvetrees... Mary Philbin, em materia de imitar Lillian Gish, é o maior exemplo de fracasso de bilheteria, o que significa publico.

Assim, são esses os perigos: ser parecido ou imitar.

Fóra disso, se tiver personalidade, tente Hollywood e poderá ainda vir a ser o maior de todos.

MONTE BLUE

\+ + +

The Outcast of the Poker Flat, Baby Faced Killer e *Mississippi*, são os tres proximos films de Lew Ayres para a Universal.

\+ + +

Marlene Dietrich já se acha de volta a Hollywood.

São os olhos de Lupe que o illuminam de longe...

Gary Cooper querido...

RICHARD ARLEN,
FRANCES LEE
E LOUISE DRESSER
EM
"THE CONQUERING
HORDE"
DA PARAMOUNT.

NOTAS

— "O Aventureiro", o primeiro film com enredo da A. B. C., já está sendo revelado no laboratorio da Casa Pathé. Será dividido em duas partes de .400 imagens cada uma, ou sejam, 8 films virgens Pathé.

— Tendo feito a acquisição de um predio com disposição para téla e palco, a Amadores Brasileiros Cinematographicos manterá uma secção Cinematographica e outra theatral, conforme os Estatutos, organizando espectaculos completos, a começar de Junho vindouro.

— Deu entrada no Departamento Cinematographico da A. B. C., a novella "As Férias de Durval" que fôra substituida pelo "O Aventureiro" para a estréa das filmagens com enredo, e que provavelmente será filmada em segundo logar, tendo Carlos Secioso e Olga Póvoas nos principaes papeis.

— Para a primeira exhibição de "O Aventureiro", que será levada a effeito na séde da A. B. C., serão convidados apenas os amadores que tomaram parte na sua filmagem, as respectivas familias e os representantes de "Cinearte" e "O Globo", conforme indica o Regulamento Interno.

Uma das scena de "Regeneração" film de Satiro Borba.

Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

CORRESPONDENCIA

VALDIR RUCEN (Rio) — A sua intenção é mais do que louvavel, porque é com o enthusiasmo de amadores como o amigo que se farão os cinematographistas do nosso Cinema. Para o que o amigo, porém, deseja, não vejo inconvenientes nem no Kodascope nem no Pathé-Baby, ou melhor diria, nem no Pathé-Super, porque ambos dão uma projecção normal de 2,m50 sem nenhum defeito. O Pathé-Rural irá apenas augmentar de um metro essa tela. E além disso, a tela normal para os projectores profissionaes não passa de 4 metros. O Kodascope é um projector para uma sala pequena, já se vê. O Pathé-Super e o Pathé-Rural, porém, poderão servir para 100 espectadores.

A fraqueza que o Sr. pareceu encontrar na construcção do Pathé é apenas uma impressão. Eu já tive dois projectores Pathé, *fui o quarto comprador* desse apparelho *em todo o Brasil*, e nunca tive que mandar concertar qualquer um dos dois.

Em resumo, parece-me que o Sr., com um Pathé-Rural mesmo, poderá realizar aquillo que procura. Não creia, porém, que o tamanho da tela é o que o está impedindo. A minha opinião é que tanto o Kodascope como o Pathé-Super poderão encher uma tela até mesmo de 3 metros, e essa tela será mais que sufficiente.

Naturalmente, porém, como esses apparelhos não foram feitos para tanto, haverá por força uma perda de luz e a imagem não apparecerá tão clara. Com o Pathé-Rural, porém, esses obstaculos desapparecerão forçosamente. Convide-me, quando inaugurar o seu Cinema para a guryzada. Lembranças ao seu cunhado.

CASTOR VICTORINO COELHO (Rio — Tenho presentemente em mãos a resposta á sua carta, enviada pelo Sr. Archimimo Rebello. Mande-me immediatamente a sua residencia, para que possa remettel-a o mais breve possivel.

RAMÃO PLANELLA (Sant'Anna do Livramento) — Leia a resposta acima. Temos tambem outra carta do Sr. Archimimo Rebello, endereçada para si. Mande-me tambem a sua residencia, rua e numero.

ARCHIMIMO REBELLO (Manáos) — A nobreza dos intuitos que o amigo expressa na sua carta são realmente dignas de um verdadeiro amador do Brasil. Acceite os nossos cumprimentos. Quanto ás cartas, estou esperando os endereços para remettel-as aos destinatarios.

SENNA JUNIOR (Rio) — Permissão nem precisa solicitar. E' só enviar as notas que desejar e conseguir obter, que ficar-lhe-ei muito agradecido.

SATIRO BORBA (Petropolis) — A minha correspondencia tem se atrazado um pouco devido á publicação dos scenarios da Kodak. Recebi o seu artigo e vou publical-o, junto com as photographias, mas talvez tenha que fazel-o em duas secções pelo accúmulo de materia. Saúde e prosperidade. O serviço de aluguel dos films Pathé 9,5 vae ser iniciado agora em Junho, segundo nos disseram. Todos os detalhes já foram dados anteriormente. Estarei, ao seu dispor nesta redacção.

CASTOR VICTORINO COELHO (Rio) — Não tem nada a agradecer pelo nosso interesse junto ao Sr. Archimimo Rebello. Esperava que viesse, porém, buscar a resposta á sua carta, que se acha em nossas mãos. Já que não veiu, vamos remettel-a, porém, para a séde da A. B. C., hoje mesmo. Agradecido pelas notas e topicos, os quaes serão aproveitados dentro de duas semanas no maximo. Quando exhibir os seus films, convide-me para assistil-os.

Parabens pela estréa e pela séde. E agredecido pelo convite.

ANTONIO DE MENESES (Lisbôa) — Sobre um livro tratando do assumpto, confessamos que não pensámos nisso. Aliás, em portuguez o Sr. não os encontrará. Poderá encontrar os seguintes, em francez. com capitulos especiaes para os amadores: "Le Cinéma". de Ernest Constet, na Livraria Hachette. 'Le Cinéma", de André Delpench, na Livraria Octave Doin, 8 Place Odeon. "L'Art Cinematographique" de André Maurois, na Livraria Felix Alcan, 108 Boulevard Saint-Germain. "Pour le Photographe et le Cinéman", de J. de Thellesme, na Livraria Dunod, 92 rue Bonaparte, todos em Paris. Quanto ao livro "Os Vossos Primeiros 50 Films" ainda não o vi traduzido para o portuguez. Sobre o Kinamo S-10, a nossa impressão é optima; não seria possivel desejar melhor objectiva. Recommendamos-lhe, porém, este oxioma: só a pratica poderá trazer a perfeição!

PAULO F. FARIAS (Maceió) — Não lhe posso recommendar a pellicula de 35mm., para fazer Cinema de Amadores. A base de todo o amadorismo é conseguir a maior e mais clara projecção com imagens gravadas na pellicula mais reduzida possivel. O material para filmar com pellicula de 35mm., sahir-lhe-ia por uns 6 contos no minimo. O material para pellicula de 16mm., custar-lhe-ia a metade. E o de 9mm., a terça parte. Pense primeiro e depois torne a escrever-me.

A primeiro de Abril, fizeram annos Wallace Beery, Dorothy Revier, Harry Green, Jack Cunningham e Leon Janney.

Sally Eilers assignou um grande contracto com a Fox.

Farewell to Arms, vehiculo que servirá a Gary Cooper para ser um dos seus proximos films, está sendo scenarisado por Benjamin Glazer.

Fifi Dorsay requereu naturilazação. Diz que aprecia muito os Estados Unidos e quer deixar de ser canadense. Gosta, mesmo?... Ou é cousa obrigatoria?...

Durante o anno de 1930, foram installados, pela Western Electric Corporation, cerca de 8.000 apparelhos sonoros nos Estados Unidos.

O novo Luiz Sorôa

(Continuação do numero anterior)

A resistencia não contada, trazia ao cerebro cheio de sangue e de polvora, do velho, a idéa de que fôra o filho que advertira os outros. Não cogitou de saber mais nada. Levou a arma ao rosto, disparou. A bala fixou-se no peito de Helena, que, num rapido instante, se atirara para a frente. Uma segunda partiu, da arma do irmão mais velho. O joven, ainda extatico, sem fala, tombou pesadamente, tambem.

Depois voltou apenas o ruido longinquo do tiroteio. Aquelle recanto fizera-se quieto e solitario como se nada houvesse. O éco de tragedia já vinha de muito longe...

Olharam-se, naquelle ultimo hausto de vida. Não falaram. Os tiros haviam sido felizes demais... Apenas se olharam. Mas, naquelle olhar, cruzaram as almas, fortemente, unindo-as para o além e disseram as mais doces caricias que um amor assim póde inspirar. Depois as mãos entrelaçadas esfriaram e os corações cessaram de pulsar.

Para que mais?...

O ruido do tiroteio ainda feria de chumbo e polvora o espaço puro e sem odios...

Apanhemos a figura doce, delicada e simples desse rapaz, transportemol-o para diante de um espelho. E' joven, bem joven. Tem um olhar suave, de quasi ingenuidade, mesmo. O rosto, liso, é todo sinceridade, delicadeza de sentimentos, caracter.

Agora dêem-me aqui aquelle cosmetico, aquelle lapis... Prompto!!!

Já o tenho modificado, depois de algum tempo de retoque e transformação.

Chego-me ao seu ouvido, digo-lhe, em segredo aquillo que quero que elle faça. Elle se ergue, vae.

O ambiente, agora, é outro. Um **boudoir**. Sobre a **chaise longue**, jogada como se fosse um farrapo de vida, a vida de uma mulher que soffre... Diante do espelho, a nossa personagem de hoje, o rapaz da luta feudal. Mas outro!!!

Cavaignac irritante, bigodinho pequeno, moderno e provocador, monoculo numa das vistas, e, nos olhos, uma expressão de malicia arrogante e de convencimento que mal podem fugir á argucia da observação.

Depois de se retocar com calma e com petulancia, dirige-se, macio e silencioso, ao corpo da mulher que chora.

Puxa a fimbria da calça bem listrada e elegantissima, toma posição para não amarrotar o casaco irreprehensivel e, como se estivesse dando esmola, murmura, percorrendo com os olhos a sala:

— Bem... Já estás tão "Magdalena" hoje que, antes que te faças "Veronica", me vou indo...

Ergue-se, vendo que não ha resposta, a não ser o estremecer soluçado daquelle corpo.

Torna a ir ao penteador. Perfuma-se com o perfume della, põe, da jarra violeta diante de si, com calma, um dos botões lindos de uma rosa pallida na lapella, olha-se com confiança em si proprio, novamente diante do vidro espelhante e dirige-se para a porta.

Antes que a alcance, entretanto, duas mãos finas e magras, bonitas e bem tratadas o agarram.

— Não!!! Fica!!!

Ha angustia naquelles olhos negros, profunda perturbação naquella alma atormentada.

— Para que? Para tuas loucas scenas de ciume?...

— Fica, peço-te! Se ao menos eu conseguisse arrancar do meu cerebro o ciume, cegar meu coração para a desconfiança... Eu viveria só do que me desses na suprema ventura de julgar ser unica dentro do teu coração!!!

Elle sorriu. Conhecia o romantismo vesgo daquella creatura. Mas já nada ali tinha a fazer. O vermelho coado do **abat jour** morno, o ligeiro perfume emanado do Buddha de marfim, a fragrancia daquelles botões de rosas, sempre novos, sempre outros, já não offereciam aos seus instinctos, ao seu tacto, novidade alguma.

Avançou ainda para a porta.

— Sempre me deixas?...

Já havia convicção e calma naquella phrase triste.

— E' melhor para mim e para você tambem.

— Por que?

— Porque eu já não me interesso mais pelos seus labios, pelos seus braços, pelos seus beijos. Você já se tornou vulgar para a minha caricia... Canso-me com a

repetição! Não és sufficientemente rica para mudares de appartamento todos os dias, novidade para mim, e Deus não te favoreceu com o poder phantastico de mudares o teu rosto, diariamente, para que eu menos tédio sentisse de ti...

Todas as palavras eram pensadas. Frias e impassiveis como um fim de romance infeliz. Ella nada respondeu. Não havia resignação do seu olhar. Havia convicção...

— E um ultimo beijo, dás?...

— Dou. Servir-te-á de tanto consolo, assim?...

Pegou seus dois pulsos, segurou-os rijamente e, depois, com quasi ardor, beijou-a nos labios, longamente, sorvendo a ultima gotta daquella taça que não lhe appetecia mais.

Largou-a.

— Por que me seguraste assim?...

— Para que não te viesse ao cerebro a idéa de um punhal...

Riu-se. Depois concertou o bigode, tirou com calma a marca do **baton** sobre os labios e sahiu.

Lá em baixo, antes de deixar o predio parou para pensar. Quando sahiu, levava comsigo uma convicção firme.

Chegando ao destino que indicara ao **chauffeur**, desceu. Entrou.

Primeiras caricias de uma loura o esperavam. Atirou-se a ellas com alma, com ardor. Encontrou novidade naquelles labios ainda frios. Bebeu delicias naquelles olhos verdes, promissores.

Depois, emquanto ella ia pôr **Champagne** na taça verde, que estava crente que não entraria por nada nos Estados Unidos, viu que elle falava ao telephone.

— Sim, nesse endereço. Perfeitamente!

Ella approximou-se. Ouviu, sem perceber, o fim da conversa.

— Não lhe posso dizer quem fala. Digo-lhe, apenas, que ella se matou ou tentou matar-se.

Desligou.

— Mas quem é?...

Elle sorriu. Tomou a taça, sorveu-lhe o primeiro gole. Depois, labios ainda humidos, pediu os della.

(Continúa no proximo numero)

(Continuação)

Lutando pela vida, acuado, como animal selvagem, Tom correu os olhos pelo arredor. Havia muita gente em redor delle. Ao lado, Cezar, elle proprio disse-lhe:

— Legionario Brown, está preso!

Fez signal e dois homens da Legião se puzeram lado a lado delle.

— Onde está a mulher?

Perguntou.

— Não havia mulher alguma aqui, seu covarde!

Intimamente desejava que Amy já se houvesse afastado o sufficiente, pelas sombras, afim de não ser vista.

— Respeite um official, Legionario Brown... Isto será "mais uma" cousa á serie que já tem apensa a si... Dê-me a sua faca, por favor!

Tom deu-lhe a lamina ensanguentada.

— Servirá de prova... Mais uma vez, Legionario Brown. Quem era a mulher?

— Já lhe disse uma vez que aqui neste caso não ha mulher alguma, entendeu? Se vae levar-me para a prisão, leve-me já!

— Levem-no para a prisão, guardas! Lá, esperem pelas minhas ordens.

Tom seguiu, acompanhado de dois Legionarios.

— Isto é corte marcial, amigo... Este cabra não vae com o teu cheiro...

Resmungou-lhe um dos companheiros que o ladeavam.

— Sei disso...

E sabia, ainda mais, que corte marcial, na Legião, significava fuzilamento. Lembrou-se, tambem, naquelle momento, da voz de Amy que lhe dizia: "E' uma maneira **sportiva** de se suicidar..." Sentiu naquelle momento, nem sabia bem porque, uma grande vontade de viver...

A noite toda, ou melhor, o restante della, passou-a elle num banco tosco de madeira ordinaria. A prisão era menos do que cubiculo. Durante a noite toda, a lembrança, era do beijo ardente que ella lhe dera, quando correra ao seu encalço, conseguindo encontral-o e do sorriso de intensa satisfação que dera quando elle a carregara. Aquellas recordações todas, acima de tudo, davam-lhe mais do que coragem para enfrentar o dia seguinte... Veio a aurora e veio o dia, finalmente. Para Tom, elle começou com a vinda do sargento a procural-o. Agora que o tinha preso, persistia, mais combativo do que nunca:

— Attenção!

Tom ergueu-se. Entraram dois Legionarios.

— Para a frente marchem!

O pelotão, encabeçado pelo Sargento encaminhou-se para o gabinete do official Cezar.

Elle já lá estava, collarinho do uniforme desabotoado, absolutamente descontente. Tom pensou que o calor é que o havia posto assim.

— Eu lhe darei até ás dez da manhã, Legionario Brown, para repensar a sua situação e melhoral-a. Quero que tambem se lembre melhor dos factos da vespera... Tenho a lhe dizer que os dois mouros acham-se gravemente feridos.

Tom, em forma, entre os dois companheiros, ouvia aquillo tudo, sem perder a calma total. Não fez commentario algum. O Sargento arrastou sua arma ao lado delle, fazendo-lhe signal para responder. Surprehendia vendo que Tom nem sequer dava a menor importancia áquillo:

— Para seu bem, Legionario Brown, digo-lhe que sabemos que duas eram as mulheres que comsigo mantiveram conversa hontem á noite. Quem eram ellas?

Tom continuou mudo como rochedo. O official começou a se abanar nervosamente emquanto o olhava raivoso:

— E' a ultima opportunidade!!!

Berrou, afinal, dando explosão sufficiente aos seus nervos violentamente chocados:

— Quem eram as mulheres?

Tom encarou longamente o official. Elle queria descobrir o que é que Cezar sabia daquillo tudo. Voltou-se, sem responder. Procurou no bolso um cigarro:

— Tem um phosphoro?

Perguntou elle ao Sargento. Este, como resposta, tirou-lhe o cigarro da bocca com uma tapona.

— Acha que são dignas da sua protecção essas mulheres que assim persistentemente está occultando deste caso?

Sua voz, agora controllada, mostrava menos agitação do intimo daquelle homem.

— Acho que uma dellas o é. "UMA **DELLAS**", frizou bem...

Respondeu Tom com impeto. O official fechou rapidamente os olhos, com a impressão aos demais de que tinha levado um murro em plena testa. Tom, olhando-o, lembrava-se dos ruidos que ouvira, vindos da direcção da casa de Madame Cezar. Teria sido o official...

Appareceu um ordenança:

— Senhor. **Monsieur** La Bessiére ahi está para conduzil-o á sua casa.

— Peça-lhe a fineza de esperar.

Depois, impaciente,, gritou:

— Não! Faço-o entrar aqui!

Logo depois, La Bessiére apparecia. Vinha elegantissimo, como sempre, sorridente e distincto. Vendo Tom entre os guardas, sorriu. Percebendo que se tratava de um interrogatorio, ficou em attitude curiosa ao lado da mesa do official, mas calado.

— Sente-se, La Bessiére. Agora vae saber alguma cousa a respeito deste paiz que acha tão maravilhoso...

O Sargento approximou-se. Trazia uma cadeira, na qual La Bessiére sentou-se.

— Traga-me aquella mulher!

Disse Cezar ao Sargento.

O coração de Tom começou a bater descompassado. Quem seria? Qual dellas? O Sargento voltou, em segundos. Deixou Amy Jolly passar na sua frente e entrar para a sala. Ella entrou calma, sempre cheia da mesma pose. O primeiro que ella viu no ambiente, foi Tom. Os seus olhos encontraram-se por alguns momentos. Seria quasi impossivel dizer, pela impressão do rosto de ambos, que já se conhececem. Amy voltou-se para o official, quando este lhe falou:

— Mademoiselle... Conhece monsieur La Bessiére?

Este, sorrindo, attencioso, approximou-se della:

— Alegra-me o vel-a novamente, mademoiselle...

Amy deu-lhe apenas um ligeirissimo sorriso de prova de reconhecimento.

— Já nos vimos e nos encontramos algumas vezes, senhor...

Tom via, na sua attitude, na sua physionomia, que passara uma horrivel noite de insomnia. O Sargento trouxe uma cadeira para ella, mas ella continuou em pé. A sua tensão nervosa era intensa. Não se sentava, porque mal se podia conter nos nervos.

— Estava presente, mademoiselle, quando o cabo Brown, com a sua habitual bravura... apunhalou dois mouros, a noite passada?

Amy percebeu a intenção. Respondeu, rapidamente:

— Elle o fez em defeza propria. Os nativos estavam peitados para effectuarem o seu assassinato.

Tom sentiu que seu coração subia á garganta. Que mulher! Admittia aquillo tudo, defronte a Cezar, sem sequer pensar no perigo que corria?... Era intensa a sua lealdade, vindo com elle, ali, para o defender... Cezar surprehendeu-se com a resposta e, principalmente, com o tom fulminante da mesma. Estudou longamente a physionomia de Amy antes de tornar a falar. Depois perguntou-lhe, friamente:

— E quem era a outra mulher?

— Não sei.

Respondeu simplesmente Amy. Olhou ligeiramente a Tom, queria ler em seu rosto. Encontrou apenas um sorriso sincero e meigo. Cezar voltou-se para La Bessiére. Desde que comesára o julgamento, era a primeira vez que deixava seus olhos brilharem, colericos:

— O que ha de curioso nisto, amigo, é que eu sou o unico que sei quem é a **outra** mulher...

La Bessiére, interessado, ouvia. Tom teve a certeza de que Cezar o havia espionado, na noite antecedente. Falou, porque precisava falar:

— Se sabe, senhor, guarde o seu segredo.

Cezar ergueu-se. A mascara cahira do seu rosto. Gritou pallido:

— Sargento! Reconduza Tom Brown á prisão!!!

Tom tomou posição entre os guardas. Ao commando do Sargento, puzeram-se em movimento. Para passarem, deviam tocar a banda onde se achava Cezar e o seu leque. Este approximou-se de Tom e, batendo-lhe levemente com o leque, disse, baixo, com um sorriso forçado:

— Agradeço-lhe, Tom Brown, querer conservar minha esposa longe disto...

Tom perfilou-se, fez continencia e sahiu. Amy voltou da janella. Ali estivera alguns momentos, distrahida, preoccupada. La Bessiére ainda não voltara a si das surpresas que o haviam apanhado em cheio, naquelle recinto. Cezar, voltando-se para Amy, disse, antes de sahir pela mesma porta que ha pouco tragara Tom.

— **Mademoiselle,** desculpe, mas tenho necessidade de a citar neste caso. Agora, entretanto, pode retirar-se. Eu verei as cousas em que param...

Amy preparou-se para seguir pela mesma porta, obedecendo a liberdade que lhe dava Cezar. Por cima dos hombros, voltando ligeiramente a cabeça em direcção a La Bessiére, disse:

— Até logo...

Elle se levantara. Curvou-se, gentilmente, cumprimentou:

— Senti-me immensamente feliz por a haver visto novamente, **mademoiselle**...

A' porta, Amy parou um instante:

— O que farão delle?

La Bessiére, grave, deu ligeiramente de hombros, respondendo:

— E' um caso regularmente complicado, realmente...

Rapido, approximou-se della, em seguida a phrase. Ella sem querer e sem sentir voltara para a janella e, lá, continuava olhando o infinito como se coragem lhe faltasse para abandonar aquelle recinto.

— Posso auxilial-a em qualquer cousa?

Impetuoso, La Bessiére disse estas palavras e arrematou mais impetuoso ainda.

— Amy, diga-me de que maneira a poderia auxiliar?!...

Ella voltou-se: Olharam-se, olhos nos olhos. Depois, pondo frieza e ironia na phrase, ella perguntou, respondendo:

— A que preço?...

— Nenhum. Um sorriso, talvez...

Respondeu elle numa ligeira reverencia galante.

— E nem muito mais do que isto tenho para dar...

A tristeza pesada com que ella respondeu e a frieza gelada com que arrematou, eram sinceras, fructos de profundos desgostos intimos que roiam a alma daquella creatura. La Bessiére sentiu pena...

— Tenho influencia decidida junto a Cezar. Pode ser que consiga alguma cousa, neste sentido... Permitte que a acompanhe no meu carro até sua casa?

— Obrigada. Prefiro ir á pé.

Ella deixou a sala, rapida, pois ouviu os primeiros passos de Cezar que voltava.

— Linda, não acha?

Perguntou La Bessiére olhando Cezar que acabara de entrar.

— Afaste-se della! Todas são a mesma cousa, amigo... Longe dellas é que você vê o quanto são ordinarias... Mas... vamo-nos daqui?...

— Vamos...

Respondeu La Bessiére. Prepararam-se para sahir. Abraçando Cezar, La Bessiáre começou a falar, ao passo que se retirava:

— Este caso de Tom Brown, Cezar era possivel á você...

E ao passarem á porta deixaram a voz summir com a distancia...

◆ ◆ ◆

Tom, abanando-se, permanecia sentado no seu pequenino banco de madeira. O calor era intenso. Tudo, no mundo, parecia calmo, a deduzir-se pela expressão do seu rosto. O porprio Sargento, á porta da prisão, dando volta á chave não conseguiu chamar a sua attenção. Impetuoso, elle entrou na céla.

(Continúa no proximo numero)

O reinado de Carlito

(F I M)

radio do marido sem ciumes e feliz?... Não sei. Nem sequer conheço o passado dessa creatura. Parece-me, entretanto, que do encontro desse genio com essa menina, no transatlantico, resultou segura mudança nos destinos seus de mulher... Quem sabe?...

De caminho para casa, reconstruo a minha idéa a respeito de Carlito. Lembro-me de tudo que deixei atraz de mim, o secretario ex-jornalista, o criado com o charuto preto, o estranho que entrara e perguntara pelos quarenta mil, a pequena do transatlantico, as cartas, a sua mesa de trabalho e os telephonemas...

Este homem é alguma cousa que não existe. Parece-se mais com conto de fada, do que com outra cousa.. O pessoal que o cerca para o trabalho diario, tambem é lendario, sem duvida. Perderam a cor propria. Mas que cor é, exactamente? Nada os impressiona, absolutamente nada... Que a Nova Zelandia seja sacudida por um terremoto e o mundo sacudido de catastrophes. Para elles, entretanto, **Elle** chegou ás cinco da manhã ao Hotel, **Elle** será atormentado pela multidão, quando chegar a Londres, **Elle** não se deve aborrecer demasiado, principalmente lendo cartas... **Elle** guardou a caixa de prata estampada...

Sensivel, sentimental, delicado, para ser protegido, para ser espiado, para ser guardado. Impulsivo, brilhante, ousado, com a lei debaixo delle, E' isso Charles Chaplin? Foi o que pensei delle pelos seus criados.

Voltando para casa, debaixo de neve, pensava nas penalidades que a celebridade reserva aos seus filhos... Pensei nas cartas e na mesa de trabalho que ha momentos tinha debaixo de meus olhos. Cartas tolas e serias, todas ellas pedindo, pedindo e pedindo. **O Publico**, em summa, perigoso vampiro insaciavel e inderrotavel... Mas sem elle, sem duvida, os heróes não existiriam nunca. O publico cria seus idolos, eleva-os e, depois disso, elles não mais pertencem a si proprios. Pertencem ao publico, exclusivamente. Quando lá estivera sentada, tive pena de Carlito.

Pensei, depois, na universalidade da sua attracção. Para velhos e moços, ricos e pobres, a sua força é a mesma. Domina! Mas qual é ella? Que é ella? Aquelle homemzinho com aquelle bigodinho, o que tem de fóra do commum para assim tocar em tanta gente?

Depois que cheguei a minha casa, o calor do ambite e o jantar puzeram-me mais disposta. Pensei melhor. Em **Luzes da Cidade**, Carlito tem o papel de um vagabundo que, amparado por um millionario, quando bebado, é por este desprezado, quando já curado da resaca. E' o homem que é acceito e o homem que é em seguida expulso. E' o symbolo da sua propria personalidade, creio. Um homem que toma as bofetadas da vida, quando não está bom, e, depois recebe os seus beneficios, quando lhe agrada sufficientemente...

E' bem por isso que esse h mem consegue penetrar pela alma das platéas. E, depois disso, tambem consegue escravizal-as, seja como fôr, ao poder hypnotico da sua admiravel arte.

Tivesse eu falado com Carlito, nesse dia e teria tido eu a mesma impressão? Teria, delle, a impressão do que elle quer apparentar ao mundo, apenas. A verdadeira apparencia, aquella que recebi no convivio rapido dos seus aposentos, essa esconde elle de todos.

A ausencia de Carlito permittiu-me conhecer a alma sentimental de um homem que guarda uma caixa de prata estampada por dez annos, apesar de mundialmente celebre. Um homem que se entrega todo á guarda de gente honesta e decente que o guarda com todo carinho. Um homem que não se rodeia com formalidades, isto é, um homem que permitte usar o seu criado oriental um **tweed** de lã grossa e ao outro, um charuto preto...

Foi, isso, um pouco do que eu apprehendi a respeito de Carlito.

Os artigos pessoaes que se escrevem sobre Carlito, nol-o dão como "homem solitario". Eu não acho! Por que caber esta pecha a Carlito? os homens todos, no mundo, não têm, todos, os seus momentos de solidão necessaria? Carlito é solitario, apenas porque é humano. Por nada mais.

Chegando a minha casa, entrei para um morno ambiente de ~~familia, todo~~ cheio do cheiro do jantar quasi prompto e das lutas com os brinquedos espalhados pelas salas todas. Ainda estaria, lá, a pequena bonita da caixa de prata, escrevendo o seu recado? Estaria olhando para a sua propria alma, como se fosse para um espelho, querendo lembrar-se dos seus encontros com o genio? Aquelle curioso desconhecido ainda estaria pedindo os 25 dollars emprestados?.. As cartas ainda continuariam chegando?

Tudo perguntas. As respostas nem o proprio intimo pode dar... Vamos ao jantar!

BANCROFT !

(F I M)

"Um grande egoista!" E esquecem-se de si proprios, os malandros...

O seu modo brusco é tão caracteristico que nem o proprio director delle escapa. Admira e estima muito aos dois unicos homens que o dirigiram com o cerebro e com a amisade: Josef Von Sternberg e Rowland V. Lee.

Bancroft jamais joga com "pau de dois bicos". Não conhece esse systema de lutas... Atira de rijo e directamente. E' profundamente franco e sincero. Bancroft é producto da marinha americana. Elle serviu sob commando do Almirante Dewey durante a guerra hispano-americana. Dizem, tambem, que já foi cadete em Annapolis. Ninguem sabe porque elle não continuou e se fez almirante, tambem. Elle sabe, mas não diz, porque acha não deve interessar a ninguem.

Veiu de theatro. Mas fez curta carreira theatral. Mais esteve em grupos de amadores, do que em outros quaesquer. "The Trail of the Lonssome Pine" e "The Rise of Rosie O'Reilly" foram peças em que tomou parte.

O seu primeiro film foi **Driven**, que já demonstrou, claramente, a sorte de artista que elle era. Elle fez o papel de um brutal pioneiro. Foi um dos seus primeiros

AS RUGAS

(Parodia a "As pombas" de Raymundo Corrêa)

Surge a primeira ruga sem piedade,
Surge outra mais... mais outra... emfim dezenas
De rugas surgem numa face, — apenas
Foge tristonha, a nossa mocidade...

E á noite, quando temos a liberdade
De passear, — as rugas, sempre amenas,
Em nossa face, como as açucenas,
Reflectem já dizendo a nossa edade...

Tambem de nosso cerebro, aos punhados,
Vão sahindo remedios planejados
Para acabarem rugas, e jamais

Conseguem; voltam pois, logo soltam.
Mas, com outro remedio as rugas voltam;
Com o RUGOL não voltam nunca mais.

papeis de villão sorridente. Foi a primeira cousa que o tornou commentado.

A Paramount, a principio, quiz fazel-o um artista comico. Assim fizeram suas primeiras nove producções. B. P. Schulberg é que lhe deu a grande opportunidade. **Paixão e Sangue** resgatou-o. Ha quatro annos passados, este mesmo productor affirmou que elle ainda seria o maior az de bilheteria de todo Cinema. E accertou.

Bancroft, por temperamento, é delicado com brutalidade. Isto é: não sabe ser gentil. E' simples e espontaneo. Não usa de subterfugio e nem conhece essa arma.

Um dos seus constantes companheiros, é Jim Davis, um lenhador que elle muito estima.

Bancroft, sob um aspecto, é milagroso, mesmo. E', pode-se dizer, o unico que não aprecia publicidade... Com medo de que o chamem de "bondoso", porque manda flores a um anniversariante ou a um convalescente, manda sem assignar o nome no cartão...

Accidentalmente elle ficou conhecido como sendo o "homem — homem do Cinema". Isto nasceu da reclame que um pequeno exhibidor delle fez quando passou **O Super Homem** (The Drag Net), na sua casa.

Considerando sua idade e sua saude, elle toma muito cuidado comsigo, embora nada tenha e seja perfeitamente são. Não abusa. Sabe o quanto vale para a sua familia.

Não regeita lutas e nem encrencas. Não as provoca e nem se mette nellas, mas quando o mettem na enrascada e della elle tem que se livrar, livra-se e com ambos os punhos... As suas lutas são medonhas. Aos trinta annos terria arrumado qualquer homem ao chão. Agora ainda é teria arrumado qualquer homem ao chão. Agora ainda é film... (Peço desculpa: esqueci-me de que estava falande de homens...)

O maior interesse da sua vida é a sua filha Georgette.

Bancroft gosta de viajar. Ex-marinheiro, prefere o mar á terra.

Não usa **maquillage** para trabalhar. Foi o primeiro que insistiu em assim apparecer diante da objectiva, para filmar. Não gosta de dar entrevistas e hesita em dal-as, mesmo. Diz que todos os jornalistas não o podem comprehender, numa rapida palestra.

Henry Fink, em Hollywood, é um dos seus mais chegados amigos. Este compositor fez uma musica que tinha este versinho.

Você me fez o que eu sou hoje
Espero que esteja satisfeito...

Musica esta que não é muito do gosto dos productores... Quando assignam novos contractos com Bancroft, então, nem se lembram de que ella existe...

Somnambulismo

(FIM)

Houve um profundo silencio. Depois ella moveu os labios e me perguntou em allemão:

— Sprechen Sie Deutsch?...

Respondi que sim. Ella disse que assim era melhor. Que falar inglez, para ella, era um verdadeiro martyrio e, além disso, quem a quizesse ouvir falar inglez, que fosse assistir seus films... Quando terminou a conversa sobre linguas, entrámos noutro prato mais saboroso.

— E' do Brasil, não é?...

— Sim. Conhece?...

— Não. Já ouvi falar nelle; tenho um parente que conhece um rapaz que se dá muito com um moço que tem um irmão em irmão em Buenos Aires...

Estremeci. A minha primeira illusão morreu. Era como a primeira valsa que compõem os novos autores...

Fiquei mais calmo. Não contrariei. Marlene é dessas que podem affirmar que a capital do Japão é Moskou e a gente tem que concordar...

Depois ella fixou bem meus olhos, desceu-os em seguida para as pernas della, balançou-as um pouco, voltou para mim e perguntou, movendo lentamente os labios e deixando cahir ligeiramente as palpebras...

— Que tal minhas pernas?...

Segurei na almofada.

— Como?... Desculpe, não ouvi bem...

— Que tal minhas pernas, pergunto?...

Oh, meu Deus!... Quando te comiam o figado, Tantalo amigo, mal havias de pensar que serias creança de peito ao meu lado, por minha vez aos pés de Marlene...

— Optimas!

Disse em Portuguez. Ella me olhou e perguntou, curiosa:

— O que disse?...

Repliquei em allemão, contendo-me:

— Sehr schon...

Ella fez um muchocho e continuou.

— O senhor não entendeu. Quiz perguntar o que pensa dellas nos films...

Cahi em mim. Tirei o olhar... Ah, Marlene, se eu te pegasse debaixo de um sol brasileiro e te botasse comendo vatapá uma semana... Havia de te dar tanta pancada!...

—Admiraveis, Marlene! São uma verdadeira fascinação... Agora, permitta-me algumas perguntas.

— Quantas queira...

— E' rival de Greta Garbo, quer supplantal-a?...

Ella pensou. Depois respondeu.

— Não. Greta Garbo é admiravel. Eu, quando vim para cá, vim para fazer films e não para ser melhor do que esta ou inferior áquella. Os jornaes e as revistas é que...

— Mas não acha que "MELHOR" do que ella?...

Interrompi, com intenção.

— Melhor?... Não, por que?...

— Pois olhe... Eu acho, sinceramente...

— E por que?

Tive uma vontade de lhe dar um tapinha e um beliscãozinho e, depois, ao som da "Canção da Primavera", sahir desfolhando todas aquellas rosas dali... Contive-me, ainda e respondi, sério, pofundamente cynico.

— Porque REPRESENTA melhor...

Ella depois se ergueu e foi buscar um cigarro. Voltou, pediu fogo. Que ironia...

Acceso o cigarro, tornou a sentar.

— Conte-me alguma cousa do seu lindo paiz...

Disse-me com preguiça e quasi com somno.

— Mas que, Marlene?... Os brasileiros são do maxixe, do amor, da malandragem...

— Mas o que é isso?...

— Ora... Isso quer dizer que elles são os seus maiores admiradores, os seus fans mais apaixonados!

— Ahn!...

(Conclue no proximo numero)

"Mulher n. 1"

(F I M)

classifica como melhores, **Barro Humano**, **Sangue mineiro** e **Labios sem beijos**. Acha o melhor director brasileiro, isto é, seu predilecto, Mario Peixoto que a dirigiu em **Limite**.

Gosta da publicidade. Acha a Cinédia, uma organisação sem egual no Brasil, e optima.

Falando sobre **Limite**, Olga referiu-se á esplendida temporada que passou em Mangaratiba, em locação para os exteriores do film. Em Taciana Rei, Raul Schnoor, Brutus Pedreira, Edgar Brasil e outros companheiros de filmagem, encontrou esplendidos camaradas. Acha que **Limite**, onde trabalharam com tanto enthusiasmo e boa vontade e animação deve todo seu valor á Mario Peixoto, a intelligencia que realizou o film.

Sua maior ambição é ver **Limite**, este film puramente artistico, exhibido em um dos nossos Cinemas. Depois disto é que poderá dizer quaes seus verdadeiros planos para o futuro.

— "Tenho alguns esboçados, sim. Continuar sempre no Cinema Brasileiro, aperfeiçoar-me como artista, e conseguir novos papeis em nossos films. Papeis apaixonados, vibrantes que eu possa sentir... Ahi estão elles... Mas não sei ainda o que o futuro vae trazer para mim..."

Assim é Olga Breno. Olhos contando um romance, labios querendo contrastar com elles, e com nossas deducções, algo poeticas.

Vocês vão vel-a em **Limite**, e poderão decifrar, talvez, o mysterio de seus olhos...

O film revela sua extranha personalidade, no papel amargurado, dramatico e impressionante que é o seu. Revela tambem a curiosa artista que é, mas não todas as graças de sua figurinha. Porque Olga trabalha sem maquillagem, num papel onde suas possibilidades artisticas são mais faceis de serem realçadas do que seus encantos de mulher. Mas ella é na realidade uma moreninha linda, com um eterno ar de indifferença e **nonchalance**...

Olga Breno, symbolo de **Limite**, pequena cheia de symbolos bonitos nas respostas, e com um symbolo mais bonito ainda, no olhar que fascina...

Superstições...

(F I M)

Kenneth Mac Kenna tem uma mania exquisita. Contrariar todos os que têm manias e azares temidos. Faz o contrario do que todos temem e, com isto, fórma a sua propria exquisita superstição...

Rita Carewe, filha do director Edwin Carewe, teme o numero 13. Foge delle apavorada..

São estas algumas manias de Hollywood e azares que os artistas temem. Coincide, algum delles, com a sua, leitor amigo?...

✣ ✣ ✣

Honest Hearts and Willing Hands, da RKO-Pathé, film produzido pelo Masquers Club de Hollywood, tem Bryan Foy na direcção.

✣ ✣ ✣

Paul Cavanaugh, Nancy Gardner e George E. Stone assignaram longos contractos com a Fox.

JOHN GILBERT
CINEARTE

PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas mocas buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.
PIXAVON